



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

*Gangues Juvenis, uma perspetiva dos agentes de
segurança pública.*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção
do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante

-

Gualter Barros Moreira

Porto, Julho de 2012



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

*Gangues Juvenis, uma perspetiva dos agentes de
segurança pública*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção
do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante

-

Gualter Barros Moreira

Trabalho efetuado sob a orientação de

Prof.^a Dr.^a Raquel Matos

Porto, Julho de 2012

Agradecimentos

Às duas mulheres da minha vida, à minha avó e à minha mãe, agradeço todas as oportunidades que me deram, assim como todo o carinho e preocupação, sempre presente ao longo de toda a minha formação. Sem elas nunca teria conseguido chegar onde cheguei.

Agradeço à Inês Silvestre pela presença e apoio.

Os professores da Universidade Católica Portuguesa, pela sua orientação e transmissão de conhecimento, sempre atentos e apreensivos.

À minha orientadora de dissertação, um muito obrigado pela sua orientação, sempre cuidadosa e crítica, tendo em conta as minhas características pessoais.

Um muito obrigado a todas as pessoas que estiveram presentes, seja de forma continua ou pontual, ao longo de todo o meu caminho académico, aos amigos e colegas de curso, aos amigos ligados a outros cursos, aos amigos pessoais que tinham sempre algo a dizer no momento difíceis.

Resumo

Na presente dissertação será abordado o fenómeno dos gangues juvenis, em particular a representação que os agentes de forças policiais portuguesas têm acerca do fenómeno, passando por um enquadramento teórico num plano internacional com o objetivo de encontrar um suporte teórico para fundamentar o tipo de informação que seria previsto encontrar juntos da amostra de eleição, neste caso policiais. Facto que mostrou algumas incongruências, aquando a exposição de algumas definições internacionais aos agentes de segurança. O método escolhido para se levar a cabo a investigação foi o qualitativo, visto o fenómeno em estudo, considerou-se ser o mais adequado para aceder às representações dos polícias, sendo a utilização da análise de conteúdo a melhor opção para desconstruir a informação disponibilizada. A escolha desta amostra prende-se com o facto de esta ter um contacto privilegiado com os jovens, que se pressupõe, como elementos dos gangues juvenis. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com um guião fundamentado na revisão de literatura sobre gangues juvenis, aos agentes individualmente. Os resultados obtidos mostram convergência, de forma geral, entre as representações dos polícias e a literatura sobre gangues juvenis, nomeadamente ao nível da definição, do processo de formação de gangues e da caracterização dos membros dos gangues juvenis, apesar de não haver o detalhe discriminado como acontece na literatura, houve congruência quanto à noção de grupo, liderança, hierarquia e utilização de identificação do gangue, entre outros aspetos. Alguns resultados, com maior carga para o contexto português, expõem a efetiva presença de gangues juvenis em Portugal, onde se localizam e como são formados, tendo em conta o contexto, micro e macro, socioeconómico como fatores de risco que levaram à sua formação.

Abstract

In the present dissertation the youth gangs phenomenon will be approached, particularly by the police officers perspective of such phenomenon, moving through the theoretical framework from an international perspective with the purpose of determining the theoretical base with which to justify the kind of information which was expected to be found in the chosen sample – in this case, police officers. This revealed several inconsistencies when several international definitions of youth gangs were presented to the police officers. The chosen method to conduct the investigation was the qualitative method, as it was considered to be the most adequate in order to access the officer's perspective considering the phenomenon concerned, as content analysis remains the best option to deconstruct the information provided. This sample was chosen due to its regular direct contact with young people whom are (presumably) members of youth gangs. Individual semi-structured interviews were carried out to the police officers with a script based on the review of juvenile gang's literature. Generally, the obtained results show a convergence between the officer's representations and the youth gang's literature – particularly regarding definition, the gang formation process, and the youth gang characterization –, and although the literature's level of detail is absent, there was congruence regarding the notions of group, leadership, hierarchy and use of Gang ID, among other aspects. Some results, with greater relevance in the Portuguese context, expose the actual presence of youth gangs in Portugal, their location, and how they're formed, considering the socioeconomic context (both micro and macro) as risk factors which were responsible for their formation.

Índice

	Página
Introdução	7
I - Enquadramento teórico	8
1. Os gangues na história da Criminologia	3
2. Definições de Gangues	7
3. Estudos empíricos sobre o fenómeno dos Gangues	16
II - Estudo Empírico	24
1. Objetivos	24
2. Método	24
3. Resultados	30
3.1. Fundamentação da perspetiva pessoal	30
3.2. Definição de gangues juvenis	31
3.3. Formação dos gangues juvenis	32
3.4. Motivação para a formação dos gangues	33
3.5. Contextualização do fenómeno em Portugal	34
3.6. Caraterísticas dos membros dos gangues juvenis em Portugal	36
3.7. Atividades delinquentes perpetradas pelos jovens dos gangues juvenis	39
3.8. Problemas relacionados com os gangues juvenis	41
III - Discussão dos resultados e Conclusões	41
Bibliografia	50
Anexos	53

Introdução

A presente dissertação apresenta como objetivo geral, analisar as definições de gangues juvenis por agentes de segurança pública portugueses, tendo em vista compreender em que medida estes atores do combate e prevenção do comportamento delincente definem segundo as suas experiências e crenças este fenómeno contextualizado na realidade nacional.

Os gangues juvenis existem sob várias formas, contudo a natureza e a multiplicidade das suas atividades tem evoluído no decorrer dos tempos. Nos passados 25 anos, em particular, os gangues ganharam proporção tanto no que diz respeito ao seu tamanho, como na área que operam ou existem. Nos nossos dias os gangues são mais violentos, as suas atividades são mais alargadas e persuasivas, e mostram estar mais estabelecidos na comunidade (Cahill, M. & Hayeslip, D., 2010).

Este estudo advém de um projeto ITACA (Interaction of different subjects Towards A strategic Common Answer concerning juvenile gangs)¹, tendo como principal objetivo a criação de um visão comum do fenómeno, para com isso compreender e identificar recomendações para implementação de praticas no tratamento e/ou prevenção do fenómeno. A pertinência deste estudo para o contexto nacional, vai de encontro às dificuldade emergentes de informação científica sobre o fenómeno no contexto português, e a suposição de o mesmo existir efetivamente.

Sendo assim existe uma necessidade de haver conhecimento sobre os campos possíveis de ação para o combater, seja sobre a forma de prevenção até ao tratamento de jovens possivelmente inseridos em gangues juvenis.

Esta dissertação é composta por três partes, uma primeira com o enquadramento teórico, constando aqui uma breve evolução histórica sobre o conhecimento científico do fenómeno na perspetiva da delinquência juvenil em grupo, com conceitos relacionados com os gangues juvenis, seguida de uma abordagem internacional sobre a definição de gangues juvenis e por fim estudos realizados na área da motivação, fatores de risco, dinâmica e atividades perpetradas ao nível do fenómeno em estudo. Em segundo, é apresentado o estudo empírico realizado para levar a cabo a execução dos objetivos específicos, assim como o método de eleição utilizado para a realização da presente dissertação. Também neste segundo ponto consta a descrição dos resultados

¹ Projeto ITACA é financiado pela Comissão Europeia, Direção Geral da Justiça, Liberdade e Segurança

obtidos, com excertos a sustentar as prespetivas dos agentes de segurança quanto ao fenómeno dos gangues juvenis. Por fim, é apresentada a discussão de resultados e conclusão da dissertação, com um inicial cruzamento dos resultados obtidos e os estudos constados no enquadramento teórico, com o objetivo de ver até que ponto a perspetiva dos agentes vai de encontro com a perspetiva internacional sobre o fenómeno, finalizando com uma conclusão geral, referindo os resultados mais pertinentes, assim como dificuldades e necessidade de contínua procura de aprofundamento do fenómeno no contexto português.

I - Enquadramento teórico

Segundo Johnson & Muhlhausen (2005) os gangues de rua têm estado entre nós desde o início da civilização, afetando quase todos os países do Mundo. Os gangues são conhecidos, na Europa, desde o século XIV, existindo registos da sua existência, nos Estados Unidos da América, desde o século XVIII. Alguns autores defendem que nas últimas três décadas o número de gangues identificados tem vindo a aumentar, assim como a sua diversidade, o número dos seus membros e a multiplicidade das suas atividades delinquentes (Cahill, & Hayeslip, 2010).

Alguns autores sugerem que os gangues se encontram entre o crime organizado e grupos juvenis normativos. Goldstein (1993) refere que os gangues numerosos e muito organizados, que entram em atividades como tráfico de droga e intimidação sistemática, diferem dos gangues de proporção numérica inferior, desenvolvendo atividades como a proteção territorial e a construção da sua identidade como grupo.

A principal preocupação com os gangues juvenis prende-se com o facto de os jovens que os integram, demonstrarem uma elevada tendência para a violência (Melde & Esbensen, 2011). Além disso, a delinquência juvenil tende a ser mais severa estando inserido num gangue (Cusson, 2006). Huff (1998) refere a existência de uma substancial evidência de que os gangues contribuem para a delinquência e comportamentos criminais mais do que membros individuais, ou do que grupo de jovens, chamados de grupos de ocasião, que não têm todo aquele ritual e elaboração de que é característico o gangue (não considerados gangues).

Para além destas questões, que se prendem com crime e violência, a investigação tem demonstrado que os indivíduos inseridos em gangues juvenis têm maior probabilidade de uso de drogas e álcool.

Muitos símbolos são vistos como expressões da participação num gangue. Exemplos disso são tatuagens, roupas específicas ou *graffiti's*. Outro importante facto da sua existência como gangue é o seu reconhecimento pela comunidade e pelas autoridades (Albarran et al, 2009). De acordo com a OJJDP (Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention) um gangue tem um nome, sendo o seu significado partilhado pelos seus membros (cit De Lord et al, 2010).

Investigações dentro das grandes áreas urbanas indicam também que um alargado número de jovens inseridos neste contexto têm relações sexuais não seguras e apresentam grandes níveis sintomatológicos de problemas do foro mental, sendo ainda relevante a indicação de uma grande percentagem de população a viver no limiar de uma má regulação médica assistida ou pessoal (Bloom et al, 2009).

No decorrer da apresentação deste fenómeno iremos deparar-nos com mais e diferentes perspetivas acerca do mesmo, bem como diversas motivações e fatores de risco que daqui advêm, entre outros importantes aspetos.

1. Os gangues na história da Criminologia

Com a Escola de Chicago, nos anos 1920's, recorreu-se a uma abordagem ecológica para explicar os problemas urbanos. Nesta perspetiva, a cidade adquiriu uma dupla dimensão. Ela é, antes de mais, o lugar onde se cultivam tipos de vida específicos - induzindo atitudes, valores e comportamentos que formam uma cultura própria.

Mas a cidade é, igualmente, um espaço onde se desenvolvem processos de competição e de seleção entre indivíduos e grupos para apropriação de um território. A análise ecológica identifica áreas "naturais" - como guetos étnicos, bairros sociais, comunidades pobres -, e estuda as suas transformações. A segregação espacial sofre também novos arranjos, devido à ação das minorias ou dos grupos que procuram apoderar-se de espaços que lhes interessam. Nos interstícios do tecido urbano deixado ao abandono, nos quais a população é desorganizada, instalar-se-ão os gangues que organizarão, por si mesmos, o espaço e a sociedade (Bloess et al, 2008).

Com o interacionismo simbólico de Blumer, este retoma e aprofunda a pesquisa de Thomas. Para Blumer, os indivíduos agem a partir dos significados que atribuem às coisas e às pessoas. Por seu lado, Goffman refere, sublinhando, que não se pode tirar a importância da perspectiva das pessoas de estudo, pois é nesta perspectiva que se encontra o mundo que queremos estudar. Estes significados, segundo Blumer, emergem na interação social, e são interpretados e modificados no seu decurso. A vida social é, ao mesmo tempo, intencional, interpretativa e interdependente. A interação, irredutível a uma lógica simples de ação e reação, é antes de tudo um processo criativo, construído e aberto em função da situação na qual se encontra o ator e da direção que ele procura dar à sua ação (Cusson, 2008).

Pearson (1994) remete para a posição de Chicago, com o surgimento da preocupação com a desorientação psicológica e social da vida urbana, como é exemplo dos gangues juvenis com algumas características semelhantes às que Pearson descreve, sendo o leve contacto humano e os que existem já se encontrarem em estado saturado, conduzirem à desintegração da ordem moral, social e emergência da criminalidade. Também Pearson refere, como grandes precursores destes movimentos criminais, as comunidades enfraquecidas pelas forças económicas e pela heterogeneidade cultural, tornando-se assim pouco resistentes ao crime e ao desvio conforme será referido, afrente, na definição deste fenómeno em questão.

Contudo, temos na teoria da associação onde Ogien (2000), na qual põe em causa as teorias da Escola de Chicago, referindo que só uma parte dos habitantes das zonas degradadas se dedica a atividades delituosas, como se poderá constatar posteriormente. Ogien (2000) refere que o comportamento criminal e o envolvimento no crime resultam de uma aprendizagem. O envolvimento no crime é função da proximidade ou distância que um indivíduo desenvolve com as concepções de ilegalidade mais ou menos conformes à norma sobre a qual repousa a ordem social. Esta não-conformidade não resulta de mera imitação, já que os delinquentes respeitam os mesmos valores do “cidadão comum”, no entanto, não os aplicam da mesma forma (cit in Cusson, 2006). Ou seja, a pertença a semelhantes no seio do gangue e a própria partilha das duas regras, podendo dizer, valores comuns, torna estas semelhança comportamentais como adquiridos ou expropriados do que é o fenómeno da pertença a, ou a um, gangue.

A sociologia de Merton (1938) concede à anomia um lugar importante, ao modificar a perspectiva Durkheimiana e associando esta à teoria dos comportamentos desviantes. A situação da anomia, descrita por Durkheim, fazia referência a uma sociedade na qual a ausência ou a falta de normas coletivas, claras e precisas, desorientavam o indivíduo, desenvolvendo nele desejos incontrolados e uma paixão pelo infinito. Para Merton, a anomia resulta da discordância entre os fins culturais que uma sociedade propõe aos seus membros e os meios institucionais legítimos de que eles dispõem para o conseguir. A estrutura social é tal que uma parte dos indivíduos, não dispendo de meios legítimos para atingir este objetivo, vai adotar um comportamento desviante, sejam a pertença ao gangue, visto que este é uma forma de condutar para os referidos desejos pelo "infinito". É uma contradição entre os valores de referência e a impossibilidade de os satisfazer por meios legítimos que caracteriza, para Merton, a anomia. Sendo assim, autores americanos referem que a anomia resulta de uma disfunção entre o sistema cultural e a estrutura social (cit in Cusson, 2006). Ponderando este misturo, da disfunção entre o sistema cultural e a estrutura social ser um propulsor para dar razões à construção e organização de gangues, por assim dizer, torna-se fácil para os indivíduos se justificarem quer externamente ou internamente o porquê dos seus atos.

Com Cohen (1955) nasce uma vertente que (especialmente no tema base deste trabalho) vem acentuar perfeitamente a teoria da "subcultura delinvente". Já com referência a Merton (1938), justificando que nem toda a transgressão juvenil tem por base a pressão/carência económica, dado o carácter não-utilitarista de muitas condutas de subculturas delinquentes, como o vandalismo por exemplo, sendo esta a base da sua teoria, a teoria da Anomia, podendo ser uma teoria de auxílio à interpretação do fenómeno em questão neste estudo.

Contudo, a teoria de Cohen sobre as subculturas delinquentes entra em contradição com o facto de o ator juvenil, oriundo das classes operárias/trabalhadores comuns, ter de resolver quando inserido numa sociedade de classes, em que para este atingir estatutos através de um conjunto de valores alternativos, tem que optar pelos valores da cultura dominante. Posteriormente, e em conjunto, Cloward e Ohlin (1960) focam-se numa visão pertencente à tradição mertoniana, desenvolvendo o conceito de estrutura de oportunidades. A diferenciação de subculturas dos gangues juvenis resultaria da diversidade de estruturas de oportunidade aos níveis social e comunitário. É apresentada como exemplo a juventude oriunda dos sectores urbanos

mais pobres, interiorizada social e racialmente, sendo-lhe negado o acesso a estruturas de oportunidade legítimas, que podem defender as crianças de sub-definições de diferentes fenómenos dentro deste grande género, que são as Subculturas. Sendo assim, Cloward e Ohlin (1960) propõem a existência de diferentes tipos de gangues delinquentes, em função do conceito de estruturas de oportunidades: subcultura criminal, subculturas de conflito, e, por fim, subculturas de oposição (Agra, 2000).

Matza (1964) vem criticar estas abordagens funcionalistas, focando e criticando, principalmente, a própria noção de subcultura, bem como a ideia de que o "delinquente" é diferente do cidadão convencional, seguindo a negação de que nas subculturas não são propostos valores opostos aos da cultura dominante, mas sim impostos aos jovens, cidadão comuns que seja.

Matza (1964) qualifica todas estas visões anteriores como uma má interpretação, melhor, mas um misto de diferentes opiniões não quer dizer que sejam más opiniões. Defende este autor que a diferença entre normal e patológico procede de uma reação social, em que intervêm vários critérios das tais perceções feitas pelos demais, sendo assim, e sem uma definição inequívoca para a inconformidade da conduta, a sociologia passa a considerar a transgressão como um fenómeno "normal", que existe e que não pode ser diferenciado ou separado do realismo sociocultural de uma sociedade. O desvio obedece a exigências de racionalidade e inteligibilidade, tal como qualquer outro comportamento social. O indivíduo, que transgride o comportamento considerado normativo para se ter em sociedade, é alheio à ordem a que a lei diz respeito, ignora a sociedade em que essa lei participa, isolando portanto o ato de cometer infração.

Matza criou, assim, uma séria de definições que defendem o que até agora tentei ilustrar. A teoria do *Drifting* ("à deriva") centra-se na existência de uma aprendizagem do comportamento desviante, demonstrando que este não é inato ao indivíduo, não nasce com ele, torna-se (como refere o autor) "desviante"; o indivíduo não nasce com a pré-disposição ou condição de desviante. A aprendizagem é uma sequência aberta, não linear ao longo do tempo, com reviravoltas nos períodos de adesão, sendo que, nesse percurso, o indivíduo oscila entre uma identidade transgressiva, mais próxima do seu grupo de pares, ou então uma identidade social de conformidade, mais próxima do mundo dos seus pais (Agra, 2000).

Encontramos, agora, uma das teorias que mais se aproxima à visão deste trabalho: a teoria do *labelling*, de Becker. Esta centra-se num julgamento moral. A designação permite um julgamento moral sobre o infrator, assemelhando-se a um ritual ou cerimónia de degradação do estatuto, com uma forte ligação a um mundo social existente à parte do normativo assim definido pela sociedade. Cria-se, assim, o estigma, em que o desvio é uma forma específica de um fenómeno mais geral, a "gestão" de uma identidade contaminada à qual foram associados atributos estigmatizantes (Cusson, 2006). Em conclusão, os atos considerados de mais perigosos ou de risco, não são necessariamente os mais criminalizados, os processos de etiquetagem cumprem funções sociais (o delinquente é utilizado como "bode expiatório", e as estatísticas oficiais contribuem para a disseminação do *labelling* e para a construção social do desvio).

Por fim temos, ainda dentro das novas teorias da desviância, a construção social do desvio desenvolvida por Cicourel. Esta centra-se numa perspectiva de leitura alternativa à designação ou etiquetagem: a designação emerge no curso das relações sociais que se desenvolvem num determinado contexto, e a infração não resulta da natureza do ato cometido, mas antes de uma construção social que se define na atividade prática dos interventores sociais (Bloess et al, 2008).

2. Definições de Gangues

De acordo com Rodrigues e Rodrigues (2009), é bastante difícil encontrar uma definição consensual de gangues juvenis.

Considerado como um fenómeno subjetivo de teorização na criminologia, os gangues juvenis têm vindo a ser definidos por inúmeros autores, existindo assim uma enorme diversidade de conceitos.

Trasher (1927) apresenta aquela que é considerada como a primeira investigação sobre o fenómeno dos gangues. O autor concluiu que todos gangues apresentam as suas especificidades, não se podendo dar um tratamento igual a todos os grupos. Alguns autores ainda referem, no presente momento, a definição de Trasher; apesar da tentativa de alguns membros do sistema judicial em encontrar uma definição mais universal, esta definição contínua atual, graças ao seu conteúdo comportamental coletivo/grupal. Trasher refere, então, os termos comportamentais que levariam a considerar como gangue um grupo: "encontros cara a cara", pessoais; forma coletiva de movimentação num espaço; conflitos; e planeamento das atividades. Tal comportamento coletivo

resulta na sua perspectiva no desenvolvimento de uma tradição, numa estrutura não visível, num espírito comum, solidário e moral, com uma comunhão coletiva e sentimento territorial. Trasher (1927) afirma que os próprios gangues constituem técnicas de supressão contra as atuais e previstas ameaças (sejam estas físicas, raciais, étnicas ou socioeconómicas) num ambiente hostil, como forma de contornar as dificuldades sociais e de as superar de um outro modo (cit in Bong & Dallas, 2005).

Yablonsky (1959) afirma que um gangue deveria ser considerado como um quasi-grupo, devido à grande relação com as estruturas: como a linha militar, com uma corrente de comando, cuidadosamente articulada com objetivos e propósitos (não recorrentes em grupos considerados normativos).

De Lord e colegas (2010), referem os gangues como um grupo com três ou mais indivíduos que têm uma identidade distinta (tomando a forma de um símbolo ou de uma característica em comum), que comete/cometeu crime generalizado ou tem comportamentos caracterizados como antissociais ou marginais, sendo parte da sua identidade de pertença a este grupo. Sharp, Aldridge & Medina (2006) acrescentaram aos fatores anteriormente referidos o fator tempo (considerando gang como um grupo com atividades superior a três meses de ocorrência) e o fator espaço (que se movimenta na mesma área espacial), como outros autores referem.

Klein (1971) refere-se aos gangues como qualquer grupo de jovens adolescentes geralmente perpetradores de agressão, distinta para com outros na sua zona de residência, autointitulados como um grupo, normalmente com um nome distintivo, constantemente envolvido em suficiente número de incidentes caracterizados como delinquentes ou criminais e com reconhecimento negativo constante pela comunidade ou agentes de segurança. (cit in Chesney-Lind et al, 1994).

Já Jankowski's (1991) dispôs de uma definição mais contemplativa, suficientemente compreensiva: um gangue seria um sistema social organizado, quase privado e quase secreto. O seu tamanho e objetivo mostram-se necessariamente oriundos de uma interação social com governamentação, de uma estrutura de liderança que defende a diferença de papéis, onde a autoridade foi legitimada para entender os códigos sociais como operacionais de regulamentação dos comportamentos de liderança e dos consequentes rankings/hierarquias. Assim sendo, provêm e planeiam não só um serviço social e económico para os seus membros, mas também para a continuidade da organização, pressupondo que tais objetivos sobrepõem as ações, sejam estas realizadas de forma legal ou não.

Curry, por sua vez, recorre essencialmente aos aspetos de violação da lei pelos membros dos gangues, fazendo uma comparação com outros grupos, possuindo o gangue um agravamento de comportamento, ofensas e agressividade relativamente aos outros grupos (não considerados gangues) (cit in Chesney-Lind, 1994).

Johnson & Muhlhausen (2005), numa vertente mais sociológica, defendem que o termo gangue geralmente descreve um grupo de adolescentes ou jovens adultos que recorrentemente se juntam, partilham uma identidade, usam símbolos comuns, reclamam controlo sobre um território na sua área residencial, e muitas vezes, entram em atividades ilegais.

Esbensen e colegas (2009) referem que os gangues emergem dos conflitos entre grupos de adolescentes, bem como dos conflitos entre grupos e regras da comunidade. Os gangues emergem num contexto conflituoso na comunidade, onde os jovens estão alienados das instituições comunitárias – particularmente da família e da escola, como veremos.

Os gangues são assim caracterizados pela estratificação da faixa etária estabelecida e a rigidez formal da hierarquia, bem como pela sua organização. Contudo, existem mais características comuns aos diferentes gangues mundiais, tais como: a atribuição de missões ou tarefas, deveres obrigatórios, a recolha de "tributos" para o tesouro do gangue em causa (como forma de fundo de tesouro), a participação em lutas com outros gangues, a defesa do território, e muitas outras formas de atividades. Contudo, é importante ter em atenção que a estrutura que caracteriza os gangues de forma geral pode apresentar diferenças nos casos concretos, essencialmente culturais, dependendo do contexto em que este grupo existe (Salagaev & Shashkin, 2005).

Este tipo de visão estereotipada é transmitida e reforçada pelos Média e, tal como referem Johnson e Muhlhausen (2005), constitui um fator de risco tendente à interiorização nos indivíduos de um desejo de integrar um gangue, já que os Média os perpetuam, falsamente, como algo excitante e maravilhoso. As descrições do que é, na realidade, este fenómeno têm-se mostrado ambíguas e superficiais, e dada a sua grande variedade móvel de organização, tamanho e cultura, uma maior aceitação das definições propostas tem-se revelado um desafio. (Horowitz, 1990). Apesar desta dificuldade de consenso, derivada da falta de conformidade entre as diferentes definições, alguns autores referem, como pontos comuns a muitos gangues, certas características comportamentais e normas culturais (Hitchcock, 2001).

3. Estudos empíricos sobre o fenómeno dos Gangues

Diversos estudos foram efetuados sobre o fenómeno dos gangues nas últimas décadas. Tais estudos podem ser agrupados de acordo com os fatores que salientam: fatores de risco e proteção (muitos também referentes a resiliência em vez de proteção, como iremos constatar), motivações para a procura e entrada num gangue, processos dentro do gangue, atividades delinquentes, etc.

3.1. Estudo sobre fatores motivacionais e de risco na participação em gangues

Existe uma pequena diferença entre a aproximação dos fatores de risco e da visão baseada na motivação. Em primeiro lugar, a perspetiva visível, de fácil compreensão, assim como o ganho fácil de bens ou outras formas de valores para estes da participação no gangue e, em segundo, a preocupação de perceber a motivação dos jovens para se tornarem membros de um gangue, seja por semelhança de valores ou seja por resultado de vivências, por exemplo.

3.1.1 Estudos sobre a motivação

A perceção pública comum entende que os jovens são coagidos a entrar no gangue. Muito pelo contrário, muitos dos jovens querem pertencer a um gangue, pois este normalmente é o centro mais apelativo de ação social (e.g. festas, música, drogas e com oportunidades de socialização com membros do sexo oposto) (Bong & Dallas, 2005).

Gordon e colegas (1999) referem a existência de duas grandes teorias explicativas das motivações conducentes à integração num gangue. A primeira é a teoria da seleção, que remete para existência de jovens com comportamentos antissociais prévios que são atraídos pela ideia de entrar num gangue – pelas ações que por si só já são conhecidas e pelo facto de se sentirem semelhantes aos outros membros que o integram. A segunda teoria remete para a existência de jovens sem comportamentos antissociais prévios que enveredam nos gangues por razões de autoestima, poder e proteção, sendo encorajados posteriormente a participar em atividades antissociais: esta é a chamada teoria da socialização. Também outros autores sugerem as mesmas

motivações, assim como fatores de entretenimento, proteção, respeito e dinheiro (Peterson et al., 2004; cit in Foz & Lane, 2010).

Num estudo conduzido por Spengal, Curry, Ross e Chance (1989), ex-membros de gangues referiam as seguintes razões para decidirem participar num gangue: a viabilidade económica e social do gangue, a proteção esperada, a solidariedade, o estatuto, a existência de um parente mais velho no respetivo gangue e a sua influência, falta de supervisão em casa, desconhecimento quanto aos seus aspetos negativos (cit in Zatz, 1987).

Num estudo de Howell (2010), segundo depoimentos dados pelos jovens, as principais motivações de entrada num gangue, em ordem decrescente de importância são: a proteção, a diversão, o respeito, o dinheiro e, por fim, por já terem amigos a pertencer a um gangue. Contudo, mais razões são acrescentadas, normalmente os jovens dão entrada num gangue pela segurança que este lhes pode providenciar, sendo outra importante influência os membros familiares (especialmente primos e irmãos) que, por sua vez, já se encontravam inseridos num gangue. Igualmente, Virgil (2002) refere que o estatuto socioeconómico e os efeitos de discriminação são dos maiores fatores de risco e resiliência para estes jovens, aumentando a probabilidade de recorrer à opção de ganho fácil em grande escala.

Entrevistas com membros de gangues revelam que a sua participação se deve, em parte, à vivência num bairro com alto nível de criminalidade e baixas condições socioeconómicas, assim como à constante presença de violência no seu espaço habitacional, à necessidade sentida de encontrar ou impressionar um/uma companheira, ou ao facto de amigos ou familiares já se encontram inseridos num gangue (Decken & Curry, 2000; Joe & Chesney-Lind, 1995; cit in Fox & Lane, 2010). Ocasionalmente, os jovens referem como motivações de entrada os fatores económicos, seja a venda de drogas ou "fazer dinheiro" (Howell, 2010).

Cohen e Vila (1996) referem que caso não existissem questões como a rivalidade entre gangues, polícia hostil ou bairros e áreas residenciais desfavorecidas, muito pouco haveria que sustentasse a união dos membros dos gangues, dado a carácter determinante da excitação procurada nos comportamentos do grupo (cit in Bong & Dallas)

Outras explicações, mais do foro psicológico das crianças/ jovens, são regularmente baseadas nas dificuldades de aprendizagem, evidenciando desenvolvimento de estilos de vida desviantes em tenra idade, podendo ser considerados prematuros na expressão dos seus comportamentos desviantes (Hill, Howell, Hankins & Buttin-Pearson, (1999). Competências pessoais de suporte, competências sociais e auto eficácia estão fortemente associadas aos fatores de proteção necessários nos jovens que se encontram em risco de enveredar por gangues (Durlak, 1998; Howell, 2003). Passando pela área desenvolvimental, nas fases desenvolvimentais mais novas a identidade étnica é um fator de associação individual e coletiva, com o propósito de resolver o autoconceito da identidade pessoal (Bong & Dallas 2004). Thronberry e colegas (2003) referem características prévias que seriam suscetíveis de sinalizar futuros membros de gangues: apresentando estes maior probabilidade de evidenciarem problemas de conduta no início da infância, de desenvolvimento de crenças ligadas à delinquência e de cultivo de amizades com delinquentes. Também Knox (1995) remete para evidências explícitas, por parte de membros de gangues, de baixo autocontrolo e tendência para procura de comportamentos de risco.

3.1.2. Estudos sobre fatores de risco ligados à família

Os estudos realizados por Nakhid (2009) centraram-se na perceção de membros de gangues acerca do seu papel no contexto familiar ou em casa. Este tipo de estudos permitiu constatar que existe outro tipo de família a considerar, a "*gang family*" (representação do gangue como família para os jovens). No entanto, e apesar de esta ter um importante papel na vida do jovem, a família "de origem" surge sempre como prioridade, especialmente no que diz respeito às preocupações gerais com esta e a importância da sua sustentação. No que diz respeito à sua principal casa, os membros dos gangues referem-na como sendo a rua, a vizinhança, ou mesmo a comunidade, existindo assim uma discrepância entre a família "de origem" e a casa onde o jovem viveu ou vive, e a casa que o construiu como elemento de um gangue, onde se encontra os seus outros "irmãos" (ou como a original fonte refere "*Brotherwood*").

Pobre controlo familiar, incluindo baixa supervisão parental, falta de controlo ou monitorização na infância, abuso ou negligência são altos preditores que se associam à entrada para gangues pelos jovens (Le Blanc & Lanctat, 1998 cit in Thornberry et al, 2003). Destacando um estudo de Gordon e colegas (1999), este refere a relação entre os

níveis de supervisão e idade. Indicam, aqui, que pouca supervisão parental aumenta o risco sério de entrada em gangues no início da adolescência (enquanto a entrada na adolescência tardia já será menos provável, mesmo com baixa supervisão parental). Também o alto controlo psicológico, sobre forma de manipulação ou culpa baseado em ações pelos pais se mostra como um fator de risco. (Walken-Barnes & Mason, 2001).

Também Lavado (2010) refere o papel da família como importante fator para o desenvolvimento do jovem, devido ao impacto das experiências sentidas sobre a forma de ser, estar e pensar, ao mesmo tempo que traça e legitima o sentido de identidade da pessoa do jovem. Cusson (2006) destaca que as famílias dos delinquentes se singularizam pela desordem educativa, sendo constituídas por pais indiferentes, desatentos e negligentes, constituindo estes fatores de risco quanto à construção social.

Knox e outros autores (1993), num estudo em conjunto com os agentes de segurança, referem como um dos principais problemas, relacionados com a iniciação ou motivação para enveredar num gangue, a família, como anteriormente referi, acrescida de variáveis pessoais, como baixa autoestima, pressão pelos pares e consequente influenciabilidade, medo de sofrimento pessoal. Henderson e colegas (1999) referem a coesão, partilha de interesses e atividades, comunicação, flexibilidade, segurança, adequada proteção e competências de resolução de conflitos como possíveis armas tendentes ao combate da opção de entrada num gangue, pois configuram-se como formas de substituir as suas figuras de referência.

3.1.3. Estudos sobre fatores de risco ligados à comunidade e à escola

Como foi já referido, os membros de gangues tendem a emergir de meios socioeconómicos baixos, famílias monoparentais com características disciplinares rígidas e inadequada supervisão, e de possuírem grupos de pares e amigos caracterizadas por comportamentos delinquentes. Para além destas características, existe ainda a partilha do mesmo espaço escolar com outros elementos de gangues (Bong & Dallas, 2004).

Existem, pelo menos, duas crenças científicas que caracterizam a escola como um fator de risco associado à participação em gangues: o baixo sucesso escolar, o qual indica baixa perspectiva de futuro académico, e o baixo comprometimento para com os estudos ou carreira académica. Mostram-se também relevantes a etiquetagem negativa

por parte dos professores e o sentimento de insegurança na escola (Bong & Dallas, 2004).

Um estudo recente sugere que alguns gangues surgem de dificuldades de âmbito escolar. Estas potenciam a criação de um pequeno grupo de jovens extremamente rebeldes, ou com comportamentos entendidos como antissociais. Após a exclusão destes indivíduos do sistema escolar ou instituição por razões disciplinares, opera-se uma solidificação do grupo, conduzindo à formação do gangue. Primeiramente, para ser considerada como atividade de gangue, os adolescentes envolvidos deverão ter cometido atividades criminais ou possuir orientação criminal (ou vontade de uso de violência). Em segundo lugar, o grupo deve tomar uma orientação criminal como "um gangue", de forma tendente à sua identificação, que os separe dos restantes grupos da comunidade. Este grupo deve solidificar a sua posição, ou identidade, com conflitos com autoridades da escola ou com os agentes da segurança pública (Cahill & Hayeslip, 2010).

3.1.4. Estudos sobre fatores de risco relacionados com o grupo de pares e com o consumo de substâncias

Quanto ao grupo de pares, Thornberry e colegas (2003) referem que a amizade e proximidade a pares que apresentem comportamentos ou atividades delinquentes constitui um grande fator de risco. Porém, Howell (2010) refere que ser-se membro de um gangue não é o produto dos fatores de risco, mas sim o resultado da acumulação de uma grande variedade de fatores de risco.

Alguns estudos apontam para a existência de riscos individuais, como consumo abusivo de drogas ou álcool, vitimização, baixo rendimento escolar, comportamento antissocial. As crianças que se encontram numa trajetória que transporta comportamento antissocial, incluindo delinquência juvenil, têm uma maior probabilidade de, durante a adolescência, entrarem num gangue. Os membros dos gangues tendem a possuir mais fatores de risco do que outros ofensores violentos graves, sendo que estes fatores normalmente são encontrados em múltiplos domínios desenvolvimentais (Howell, 2010). Com isto, a entrada num gangue é vista como o próximo passo desenvolvimental na escalada do comportamento delinvente (Craig et al., 2002).

Quanto à faixa etária dos membros dos gangues, os agentes de segurança, compostos de um estudo realizado por Foz e Lane, indicam que os membros existentes nas grandes áreas residenciais, apresentam uma maior probabilidade de terem abaixo dos 18 anos, ou acima da mesma idade, mas não significativamente, já no que diz respeito a áreas residenciais mais pequenas, a idade máxima dos indivíduos tem vindo a situar-se nos 18 anos de idade (Foz & Lane, 2010)

Estudos referem que a participação em gangues potencia maior participação em atos com níveis elevados de violência do ponto de vista individual, aumentando assim o nível de exposição a violência geral e a situações perigosas (Bray, Egley & Rosenfeld, 1999). Regularmente, esta exposição conduz não só à sua participação mas também à sua transformação em vítima.

No que diz respeito à comunidade, ou área residencial, a existência de drogas, a presença de jovens problemáticos, um sentimento de insegurança, baixo sentimento de comunidade na área residencial, pobreza e desorganização na comunidade são os principais fatores de risco, e, associada a estes, a evidência de desorganização social (Howell, 2003; Virgil, 2002; cit in Bong & Dallas)

Num estudo de Johnson e Muhlhausen (2005) os autores consideram como território fértil para a criação/participação de gangues as áreas residenciais instáveis, lares desestruturados, modelos violentos e acesso fácil ao uso e consumo de substâncias. Até os Média são considerados um promotor destas atividades.

Em suma, os jovens que iniciam comportamentos delinquentes e exibem agressividade ou violência numa idade tenra, experienciam múltiplas trocas de famílias ou figuras de referência, têm inúmeros problemas relacionados com a escola, mantêm relações com outros indivíduos que se encontram num gangue ou são, simplesmente, agressivos, e, por fim, vivem numa comunidade onde não se sentem seguros e onde existem muitos jovens problemáticos, encontram-se em grande risco de vir a pertencer a um gangue.

3.2. Estudos sobre o processo de constituição e dinâmica do gangue

Estudos revelam que a “formação dos gangues é um processo social envolvendo complexas formas de filiação, transformação e integração” (Rodrigues & Rodrigues, 2009).

A falta de oportunidade económica tem uma forte influência nos comportamentos delinquentes, e grupos como os gangues podem ser formados na ausência de atividades competitivas às que estes perpetuam, assim como pela potencialidade de criação de riqueza individual e coletiva (Hitchcock, 2001).

Rodrigues e Rodrigues (2009) referem também a importância de um olhar sobre os processos relacionais, internos, dos adolescentes comuns, a vinculação. É necessário um olhar crítico sobre os vínculos emocionais que são estabelecidos entre o indivíduo e outra pessoa, grupo ou instituição, remetendo para o significado da sua autodefinição em relação aos outros. Também numa aquisição da identidade pessoal, baseada nos processos de auto categorização e identificação grupal pode ser posta em causa, caso, em conjunto com os processos anterior, mencionados no início do parágrafo, em que o desenvolvimento relacional do adolescente, tendente à procura de outros mecanismos de substituição para contemplar os processos sobre uma forma de compensação de vazios no sistema relacional do mesmo.

Quando um gangue está estabelecido, algumas investigações referem que o processo de entrada é similar ao de um outro qualquer sujeito que adota aquando da entrada num qualquer tipo de organização ou sistema que exige uma relação entre outros sujeitos e existe regulamentos, ou seja, regras e formas de agir e comportar.

Virgil (1998) aponta que quando as forças sociais e as instituições fracassam na sua eficácia funcional, as subculturas de "rua", gangues especificamente, são formados para o evitar.

Major e Billson, na sua teoria referente à criação de subculturas, ou minorias, referem que a participação num gangue é uma forma de organização de senso comum num mundo marginal, focado nos centros desfavorecidos das cidades. Para jovens de minorias étnicas, colocados à margem da sociedade e economia geral, a procura de gangue pode ser considerada uma forma de objetivo de vida social (cit in Bong & Dallas)

Quanto à predominância de iniciação na "*cultura gangster*", esta encontra-se quase exclusivamente na adolescência, seja pela influência das redes sociais ou pela noção de grupo e pertença nestes, ou mesmo pela cultura em si, muitas das vezes

patrocinada pelas grandes empresas cinematográficas e musicais. Com isto, Howell, refere a existência de "gângues de iniciação (*Starter Gang*)", sendo os introdutores à cultura gângue. Em alguns gângues estabelecidos existe a criação de "postos" ou etiquetagem dos seus elementos.

Branch (1997), referindo-se à organização dos gângues, aponta a existência de dois fortes argumentos que levam à afirmação da existência de coesão no seio do gângue. Em primeiro lugar, eles são considerados grupos bem formados, com mecanismos regulamentares internos e externos; em segundo lugar, existe uma evidência considerável que mostra que eles são mais do que uma forma de construção irregular coletiva de indivíduos marginais/marginalizados; por exemplo, muitos gângues são multigeracionais e mostram sinais de estabilidade comunitária, não obstante qualitativas diferenças no cruzamento geracional dos membros (cit in Bong & Dallas, 2004).

3.3. Estudos sobre as atividades delinquentes, usuais no seio do gângue

Os crimes perpetrados pelos elementos dos gângues têm a forma de: violência generalizada em comunhão com outro tipo de crimes (como o furto a propriedades, assaltos à mão armada a sujeitos individuais e tráfico de substâncias) (De Lord et al, 2010). No que diz respeito às atividades criminais, ou penalizadas pela lei, estas fazem parte da identidade e não são um elemento de conceção individual dos membros do grupo. Já no que diz respeito ao sentimento territorial, este é o principal diferenciador entre os diferentes tipos de gângues mundiais. Tal é demonstrável tomando o exemplo destes dois polos: nos Estados Unidos da América esta característica é extremamente vinculada, enquanto que nos gângues europeus tal não é tão acentuada (Gatti et al, 2005).

Uma outra atividade, descrita num estudo de Sharkey e colegas (2011), refere-se ao "*Banking*", atividade que se destina a cercar indivíduos, por ajuste de contas, questões territoriais ou mesmo roubo, sendo usual nas camadas mais jovens dos gângues.

Num estudo levado a cabo por Esbensen e Huizinga (1993) concluiu-se que os membros de gângues reportam duas a três vezes mais atividade delinquentes do que outros grupos de jovens não definidos como tal. Numa investigação levada a cabo por Chesney-Lind e colegas (1994), estes referem que as ofensas mais graves e mais

evidenciadas se reportam a roubo, ofensas relativas a estatuto, roubo de veículos, homicídio, agressão em assalto, porte de armas ilegais e burla qualificada.

II - Estudo Empírico

1. Objetivos

Neste estudo pretende-se analisar a definição de gangues juvenis por agentes de segurança pública portugueses e compreender em que medida estes atores do combate e prevenção do comportamento delincente definem segundo as suas experiências e crenças este fenómeno contextualizado na realidade nacional, essencialmente.

Objetivos específicos são os seguintes: analisar as perspetivas pessoais sobre o fenómeno dos gangues juvenis, a existência efetiva deste fenómeno em Portugal, o que leva os jovens a enveredar por este tipo de grupos ligados ao crime, como são caracterizados estes jovens, quais os tipos de crimes que realizam e os principais problemas relacionados com estes.

2. Método

Indo ao encontro das necessidades descritas no objetivo, o método qualitativo foi o método sugerido como sendo o mais indicado tendo em conta a necessidade de significações pessoais do fenómeno, as suas representações, a natureza interativa da sua construção e a necessidade de se colocar na perspetiva do outros como condição prévia ao conhecimento e à explicação do seu comportamento (Simões, 1990; cit in Almeida e Freire, 2007). Três dos princípios que reforçam a pertinência e a necessidade de uma postura interpretativa dos comportamentos e fenómenos sociais são: a primazia da experiência subjetiva com fonte de conhecimentos, o estudo dos fenómenos a partir da perspetiva do outro ou respeitando os seus marcos de referência, e o interesse em se

conhecer a forma como as pessoas experienciam e interpretam o mundo social que também acaba por construir interactivamente (Almeida e Freire, 2007).

Este método mostrou-se apropriado para compreender sentimentos e pensamentos relacionados com os gangues juvenis e que consiste num conjunto num conjunto de procedimentos sistemáticos e rigorosos de análise de dados, organizados numa sequência que tende para uma maior complexidade e integração (Fernandes e Maia, 2001). Tem como objetivo explorar, descrever e compreender a vivência da experiência de contacto com o fenómeno dos gangues juvenis, direto ou indireto, recorrendo a um modelo de investigação interpretativo e utilizando metodologia qualitativa.

As etapas do processo de investigação são globalmente as mesmas em qualquer processo de investigação. Nos métodos qualitativos, a sequência das etapas é considerada menos rígida, mais flexível.

A metodologia qualitativa impõe-se, pelo facto de as questões tidas em conta dificilmente poderem ser analisadas ou medidas em termos de quantidade, intensidade ou frequência, sendo necessário uma abordagem mais exploratória e interpretativa, pelo menos numa fase inicial, em que pouco se sabe sobre o fenómeno em contexto português e existe uma real necessidade de conhecimento científico sustentado.

2.1. Amostra

A amostra é constituída por seis elementos das três principais forças de intervenção policial de Portugal. É composta por agentes de segurança ligados aos órgãos de estado com competências ligadas à ordem pública e controlo social, entre outras funções como será referido posteriormente. Com uma limitação, a existência de um dos entrevistados não pertencer ao leque dos elementos da força policial convencional, mas um perito em psicologia forense, também formador de agentes de segurança, mas trabalhador da polícia, especificamente, polícia judiciária, sendo o seu local de trabalho preferencial a Escola Nacional de Policia, com investigação ligada ao crime sobre inúmeras formas.

Na amostra está presente dois elementos da policia judiciária (PJ), o principal órgão policial de investigação criminal, vocacionado para o combate à grande criminalidade nomeadamente ao crime organizado, terrorismo, tráfico de estupefaciente, corrupção e criminalidade económica e financeira. A PJ está integrada no Ministério da

Justiça, atuando sobre orientação do Ministério Público. A investigação de pequenos crimes e outros delitos compete, nas suas diversas áreas de atuação, a outras corporações policiais, como a Polícia de Segurança Pública e Guarda Nacional Republicana, que passei a também a caracterizar (fonte: site da respetiva entidade policial).

Assim como dois elementos da Guarda Nacional Republicana (GNR), uma força de segurança de natureza militar, constituída por militares organizados num corpo especial de tropas e dotada de autonomia administrativa, com jurisdição em todo o território nacional e no mar territorial. Pela sua natureza e polivalência, a GNR encontra o seu posicionamento institucional no conjunto das forças militares e das forças e serviços de segurança, sendo a única força de segurança com natureza e organização militares, caracterizando-se como uma Força Militar de Segurança Pública. A GNR partilha as responsabilidades do policiamento de Portugal continental com a Polícia de Segurança Pública (PSP), cabendo a esta última a responsabilidade pelas grandes áreas urbanas e à Guarda, a responsabilidade pelas áreas rurais ou periurbanas. Nos Açores e na Madeira está atribuído, também à PSP, o policiamento das áreas rurais, limitando-se a GNR a operar, essencialmente, nas áreas fiscal, de controlo costeiro e de proteção ambiental (fonte: site da respetiva entidade policial).

Por ultimo, dois elementos da Polícia de Segurança Pública (PSP), esta é uma força de segurança portuguesa com as missões de defesa da legalidade democrática, de garantia da segurança interna e de defesa dos direitos dos cidadãos. Apesar de ter muitas outras funções a PSP é sobretudo conhecida por ser a força de segurança responsável pelo policiamento fardado e ostensivo nas grandes áreas urbanas de Portugal, estando o policiamento das áreas rurais reservado normalmente à Guarda Nacional Republicana. Pela sua grande visibilidade, aos olhos do público, a PSP tornou-se a "Polícia" por excelência em Portugal. A PSP atua nas seguintes áreas funcionais: polícia preventiva, incluindo a prevenção da criminalidade geral e organizada, prevenção do terrorismo, garantia da segurança de pessoas e bens, ao nível da pequena criminalidade, em áreas que não estejam reservadas à Polícia Judiciária; Ordem Pública, normalmente através da utilização de unidades especiais tais como o Corpo de Intervenção e o Grupo de Operações Especiais; Polícia Administrativa, incluindo a execução dos atos administrativos emanados da autoridade competente e algumas matérias de licenciamento administrativo; Competências Exclusivas, incluindo o

controle de armas, munições e explosivos que não pertençam às forças armadas e de segurança e a garantia da segurança pessoal de altas entidades nacionais e estrangeiras e de outros cidadãos sujeitos a ameaça relevante; Competências Especiais, incluindo a segurança aeroportuária e a proteção de missões diplomáticas e internacionais (fonte: site da respectiva entidade policial).

2.2. Instrumento

O instrumento utilizado para a recolha de dados consistiu num guião de entrevista semiestrutura (Anexo 1), construída tendo em base os conceitos recolhidos empiricamente sobre o fenómeno em causa, procurando assim contrapor o que a nível internacional se entende pelo fenómeno e qual a perspetiva dos elementos compostos da amostra. O porquê da escolha da entrevista semiestruturada, centra-se na procura de garantir que os diversos participantes respondam às mesmas questões, não existindo uma ordem rígida nas questões, em que o desenvolvimento da entrevista vai-se adaptando ao entrevistado mantendo um grau de flexibilidade na exploração das questões. O guião da entrevista, é composto por dez tópicos, considerados essencial para conseguir ter uma perspetiva geral e detalhada de como a amostra vê e compreende a dinâmica em torno do fenómeno em causa, tendo em atenção a necessidade de ser homogéneo e de fácil acesso para as especificidade de cada elemento da amostra.

Sendo assim, o instrumento centrou-se em dois grandes grupos, primeiro quanto à perspetiva pessoal sobre o fenómeno, como a definição de gangue juvenil, pedindo uma explicação sobre a base da definição que estes possam dar, e explorar até que ponto consideram que gangue é mais do que violência em grupo; em segundo uma explanação de três definições, apresentadas propositadamente e tendo como origem estudos realizados por Trasher (1927), Sharp, Aldridge e Medina (2006), e por fim, Esbensen e colaboradores (2009), para compreender até que ponto, os elementos compostos da amostra, concordam e discordam das definições apresentadas, individualmente, e o porquê das suas respostas, por exemplo, a relação do grupo com a comunidade, atividades delinquentes, permanência em espaços públicos, tempo, etc; em terceiro a explicação pessoal sobre a formação de gangues e sobre a motivação dos jovens para afiliação a gangues.

Posteriormente quanto à contextualização do fenómeno em Portugal, em primeiro, à perceção acerca da existência do fenómeno de gangues juvenis, se estes existem ou não; em segundo qual seria a extensão do fenómeno no país e na região onde o sujeito intervém, ou se tem conhecimento da existência em outras regiões específicas do país; em terceiro a identificação dos tipos de gangues que podem existir, qual a sua caracterização, perceber se considera que há grupos de jovens com comportamentos violentos, embora não os considere gangue; qual será a caracterização dos membros ou elementos dos gangues, em termos de idade, etnia, género, contexto social e económico, contexto familiar, escolaridade e relação com a escola, trabalho e, por fim, estilo de vida; em quinto qual a caracterização das atividades delinquentes perpetradas pelos gangues; em sexto, quais as especificidades do contexto português, em que medida a caracterização se deve a especificidades do contexto português em comparação a outros contextos, como Estados Unidos ou Reino Unido, por exemplo; em sétimo, e por fim, principais problemas relacionados com os gangues juvenis em Portugal.

2.3. Procedimentos

A recolha de dados ocorreu em diversos momentos, o primeiro concretizou-se com a seleção dos participantes. Com a colaboração de elementos externos com contactos privilegiados na amostra do estudo, estes permitiram que se procedesse ao momento de contacto direto com esta, facilitando assim a explanação do que seria objetivo de estudo, procedendo para o consentimento informado para que estes pudessem colaborar sem limitações com o estudo (Anexo 4). Também neste momento concretizou-se uma marcação oficial, com o intuito de se proceder à gravação da entrevista, num espaço benéfico para ambas as partes.

Já no momento da entrevista, houve uma nova explanação dos objetivos que levaram à mesma, com uma breve explicação sobre a consistência de todo este estudo e quais as variáveis a ter em conta, como o foco no seu conhecimento académico, e/ou na sua carreira e experiência direta ou indireta que poderiam ter sobre o fenómeno dos gangues juvenis, assim como a atenção de se remeter, quando lhe perguntando, ao contexto português. Deixando o indivíduo à vontade e ciente dos objetivos, procedeu-se à entrevista, dando espaço para pausas ou interrupções, caso pretende-se utilizar. As seis entrevistas foram gravadas num suporte áudio, sendo estas posteriormente transcritas

para formato digital, facilitando assim o estudo das informações recolhidas.

Algumas condições a ter neste género de processo de recolha de informação prende-se em não se deixar influenciar pelas próprias predisposições, as opiniões ou curiosidades pessoais, não mostrando discordância explícita do discurso que o entrevistado poderá estar a transmitir, assim como gentilmente impedir o sujeito de divagar e motivar o entrevistado a responder o que este, e o entrevistador, pressupõem como deve ser importante para o estudo em questão.

Os dados foram tratados e analisados segundo a estratégia de análise de conteúdo. Segundo Bardin (2008), este é um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, seguindo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a conclusão de conhecimentos relativos à análise de conteúdo, recorrentemente intitulada em vez de análise qualitativa, é um método muito empírico, depende do tipo de discurso a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo causa.

Com isto, o processo de análise de conteúdo tem à sua frente três grandes momentos: o primeiro de pré-análise, neste a leitura flutuante da informação recolhida e transcrita das entrevistas em formato auditivo, a formulação das hipóteses e dos objetivos, mais especificamente, com procedimentos fechados, para experimentação de hipóteses; seguindo de referenciação de índices e a elaboração de indicadores para a fase seguinte, esta como uma exploração do material, codificação essencialmente (Anexo 2), este é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes dos conteúdos, passando-as para as unidades de registo, visando a categorização, operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação, e seguidamente, por reagrupamento segundo o género, com os critérios previamente definidos (Anexo 3); por fim, a terceira fase, esta de tratamento, inferência e interpretação dos resultados obtidos (Bardin, 2008).

O suporte informático foi utilizado para o tratamento de dados, anteriormente descritos nas diferentes etapas, prendeu-se com as vantagens, de fazer o registos históricos de todo o processo de investigação, garantia de portabilidade do material, a organização de toda a documentação, neste caso das entrevistas, a possibilidade de pesquisas múltiplas sobre o mesmo material de forma simplista e de fácil comando, dando alguma flexibilidade para o usuário que faz este tipo de trabalho empírico.

3. Resultados

No que diz respeito aos resultados, foram construídas oito categorias principais que se determinaram como de maior relevo, tendo em consideração os objetivos pretendidos. Essas são: fundamentação da perspetiva pessoal sobre gangues, definição de gangues, explicação da formação de gangues, motivação dos jovens para a entrada em gangue, Contextualização do fenómeno em Portugal, características dos membros, atividades delinquentes perpetradas, e por fim, problemas relacionados com os gangues.

3.1. Fundamentação da perspetiva pessoal

Já no que diz respeito à fundamentação da perspetiva pessoal sobre os gangues, mais especificamente, onde os agentes de segurança pública basearam o seu depoimento nas entrevistas realizadas, prendeu-se na sua maioria com a sua experiência profissional, ora com situações pontuais com elementos pertencentes a gangues, ora com contacto em investigações relativas à formação contínua que os agentes de segurança regularmente usufruem.

3.2. Definição de gangues juvenis

Relativamente à definição de gangues juvenis os agentes de segurança pública consideram um gangue juvenil como um grupo de jovens, com idades jovens, "gangues juvenis são um grupo de jovens que têm comportamentos desviantes em relação aos padrões normais da sociedade " (GNR1) ou como outro agente refere "Na minha perspetiva um gangue Juvenil é um grupo de jovens..."(PJ4), mas podendo haver adultos com idades variáveis, "porque um gangue pode ser um grupo juvenil, como pode ser outro qualquer tipo de grupo independente da faixa etária... , indivíduos de 40 anos ou 50 anos, dependendo da perspetiva deles... de atuarem "(GNR3).

Quanto à organização enquanto grupo, já não é tão claro, visto que comparativamente a outros países referem os gangues portugueses como desorganizados. Consideram o grupo volátil, "eles na policia chamam-lhes as pedras rolantes, os gangues não são, os nossos gangues de jovens não são estanques, por tanto, têm é uma grande variabilidade de pessoas, eles quando são detidos, depois substituem por outros, e muitas das condutas antissociais, são, são cometidas de forma a, pronto, não são estes dois, mas hoje vamos nós os quatros"(PJ25).

Quanto ao territórios, têm marcados assim como pontos de encontro sempre muito específicos, "confirmação de espaço partilhado, de uma determinada zona, e de um determinado território, que tem determinada identidade"(PJ25), ou como refere outro agente "Isto é um gangue, e à que se dizer que existe o gangue, existe este gangue, eles próprios, se assumem como gangue, a gente vai onde eles, onde eles param, e eles escrevem, gangue de não sei quê, gangue do formigueiro, gangue da lapa, lapa boys gang, epá, se eles o escrevem, se eles se assumem como gangue" (PSP10) .

Sobre a identidade, os agentes consideram que os gangues têm um nome que os identifica, "E como é que, nós chegamos ao ponto de ter um fenómeno, porque cada um depois tem a sua assinatura, a sua assinatura e tem uns *modus operandis*, chegamos ao ponto de, de um individuo ir, para um casa dessas, e passado uns meses, tamos a ter um foco desse tipo de crime, com essa assinatura" (PSP18), dão até o exemplo de um no Porto os Lapa Boys (PSP10), referem a estrutura do gangue como havendo um líder no seio do gangue, "há os elementos que são o núcleo duro, que são aqueles que estão

associados e que, e depois temos os que são angariados, e esses miúdos passam por processo de pertença que vão sendo aceites, que vão ser reconhecidos progressivamente, vão sendo socializados como nós... os indivíduos no grupo têm um diferente estatuto, e formam-se inconsciente, mas ele existe, se nós falarmos com eles, eles, eles conseguem identificar, como é que cada um deles se dá, o que é que cada um deles representa naquele grupo” (PJ25), onde a idade não é fator específico para o ser, mas surgindo como máxima autoridade e o promotor das regras própria de gangue, diferente das normativas da sociedade, sendo assim, existe um hierarquia onde os elementos compostos do gangue, "onde as regras deles não se referem às regras da sociedade" normativa (PSP18).

Quanto ao comportamento referem dois tipos distintos, por um lado referem uma grande afluência a atividades conotadas como delinquentes, “que fazem o seu modo de vida, digamos, a prática de, de atividades, pronto, delinquentes, índices criminais” (PSP10) ou "são jovens que fazem, praticam delinquência em grupo, porque isoladamente não fazem nada" (GNR1), e de desafio da autoridade e regras, “acima de tudo o gangue tem que desafiar constantemente a autoridade, tem que desafiar, um dos seus grandes objetivos é o desafiar, ahm, desafiar a autoridade, é, aliás é, é, os maiores trofeus deles é quando conseguem, o, desafiar a autoridade, e saírem de lá como vencedores” (PSP18), porém considerados como "mansos" (PJ4) quando comparado a outras realidades.

3.3. Formação dos gangues juvenis

A terceira categoria diz respeito à explicação dada para a formação dos gangues, existe uma subdivisão em dimensões, começando pela dimensão social onde referem a formação devido ao contexto social e económico problemático, “Epá depois, agora isto de os gangues surgem num contexto sobre de conflito de uma comunidade" (PSP18), mais especificamente os problemas de dificuldades de inserção social, a discriminação social (PJ25), assim como as conjunturas em que o país estiver inserido no momento, “obviamente que os gangues surgem em alturas em que socialmente surgem mais problemas, nós estamos a viver uma conjuntura difícil, em que isto vai arrebentar um bocadinho mais, não é? Em que há uma maior produção deste tipo de conduta.”.

Em segundo, quanto à dimensão territorial, os agentes de segurança referem a formação dos gangues na escola devido a relações que estabelecem, por exemplo, "eu confiei naquele gajo para isto, quando eu precisei na escola, o outro gajo fez-se à minha namorada e ele foi lá e eu confiei nele" (PSP18).

Por fim, quanto à dimensão relacional, a explicação dada centra-se na busca de diversão e socialização, "socialização do ponto de vista de substituição do contexto familiar ou o contexto social" (PJ25), "os filhos estão na rua começam a meter-se com más companhias, começam a se juntar com essas más companhia, não têm educação, não têm valores incutidos (valores sociais normativos), não têm quem lhes preste atenção e então começam simplesmente, por belo prazer de andar com os amigos" (GNR3), referem que a "maior parte dos gangues ao princípio, quando são formados é por diversão depois passam para comportamentos de violência"(GNR3), outra explicação para a formação prende-se com conflitos entre grupos, "se há um grupo de adolescentes enquadrado num âmbito de um gangue, seguramente que há outro,... que faz rivalidade" (PJ4).

3.4. Motivação para a formação dos gangues juvenis

A quarta grande categoria é a motivação dos jovens para gangues, um agente de segurança refere que "algumas motivações são cognitivas, estão relacionadas com ganhos, outras estão com a criação de um espaço e identidade" (PJ25) como o principal motivo para a sua formação. Dentro desta categorias foi identificado dois grandes pontos referenciados pelos agentes de segurança, primeiro a procura de bens materiais, onde gangues são motivados essencialmente para adquirirem bens materiais ou dinheiro, "ter acesso a bens materiais mais facilmente, isso é muito importante para os adolescentes" (PJ25), "é o poder ter bens, é poder ter os bens que eles têm (outras pessoas)" (PSP18), referem o consumismo como um grande fator que os levam ao ato de perpetrar delitos, "consumismo faz com que hoje em dia, os jovens vêm um *playstation*, mas não querem trabalhar para tê-la, então é mais fácil juntarem-se e roubarem uma, juntarem-se entre eles" (GNR3), a rapidez para adquirirem os bens sem a olhar a meios. Também a procura de estatuto, identidade, poder, é um motivador para a

procura do gangue, por exemplo, "não conseguem obter sucesso em nada, o gangue é uma forma de sucesso, de integração, e é também uma forma de afirmação" (PJ25), "a motivação é o protagonismo". Alguns agentes referiram outro tipo de condicionantes facilitadores para os jovens integrarem gangues, motivações diferentes das perceptíveis, sejam essas o sentimento de proteção onde o gangue "é um instituição que os acolhe de braços abertos, eles sentem-se acolhidos ali" PJ4, ora por considerarem que não são punidos por entrarem neste tipo de associações delinquentes.

3.5. Contextualização do fenómeno em Portugal

Referidas as perspetivas pessoais sobre o fenómeno dos gangues de um ponto de vista geral, seguidamente apresenta-se dados referentes ao contexto do fenómeno em Portugal, com a questão inicial, se há de facto existência de gangues.

3.5.1. Existência do fenómeno em Portugal

De modo geral os agentes de segurança pública referiram que sim, há existência de gangues, porém não o referem de forma assertória, por exemplo alguns agentes referem haver "grupos que se dedicam de facto a atividades que poderíamos configurar como gangue... devidamente estruturados com uma atuação sistemática" (PJ4), porém referem "em pequena escala ainda"(GNR1), "podem ser às vezes conotados como gangue, devido a uma certa ênfase que há na comunicação social, pelas próprias polícias, mas também existem... micros grupos de jovens associados a atividades" (PSP10). Contudo, apesar de não serem objetivos na resposta, nenhum agente assegurou a não existência de gangues.

3.5.2. Extensão do fenómeno em Portugal

A escala do fenómeno, como anteriormente foi referido, é considerado como sendo pequena, apesar da sua existência, contudo a sua extensão está associada às áreas desfavorecidas, ou seja a quantidade de bairros sociais (PSP10), ou zonas conotadas como desfavorecidas, são vista como o seio deste fenómeno, logo dependendo da extensão dessas mesmas áreas, está a par a extensão dos gangues juvenis.

3.5.3. Tipologia dos gangues juvenis em Portugal

Quanto à sua tipologia, os agentes de segurança referem vários tipos de gangues, mas relacionados com o tipo de classe social que apresentam, "há vários tipos de gangues, cada um com o seu objetivo" (PSP18), "que pertencem a uma classe económica elevada, há outros que pertencem a uma classe social baixa" (GNR3), os agentes referem uma diferenciação entres estes, onde os gangues de classe económica baixa "são normalmente oriundo de famílias com baixos recursos económicos, que não podem, que não conseguem sustentar os vícios" (PSP18), por outro lado da classe média, "talvez nasçam outro tipo de gangues, mas se calhar mais elaborados, mais preparados e que não provoquem tanta violência, mas que normalmente são uma imitação dos gangues principais" (GNR1). Quanto ao tipo, foi referida as claques de futebol como associadas aos gangues, ou seja, a existência de gangues mais poderosos, que saem a partir das claques de futebol, "como estão integrados em claques de futebol, não dão aquela aparência de serem gangues organizados, mas... onde se trafica muito droga, muito tabaco" (GNR1).

3.5.4. Distribuição geográfica do fenómeno em Portugal

No que diz respeito à distribuição do fenómeno em Portugal, os agentes de segurança referem as duas áreas metropolitanas, distrito do Porto e Lisboa, como sendo os principais focos de ação e existência dos gangues juvenis. Algumas referencias ao discursos dos agentes relativos às duas áreas referem "na área metropolitana do Porto, determinados grupos de jovens, associados a determinadas zonas, a determinadas características geográficas, que se auto uniram, promoveram", por outro lado, no que diz

respeito a Lisboa, há uma distinção entre "Porto de Lisboa, porque Lisboa, já vai muito mais além... Lisboa já tem em termos de heterogeneidade de comunidades muito mais pessoais, nacionalidades muito diversas, em termos culturais com uma tradição completamente diferente" (PJ4). Por outro lado os agentes referem as periferias das grandes cidades, os dormitórios, como áreas de formação de gangues, "são aglomerados habitacionais... em que a maior parte das pessoas da comunidade que lá vive são pessoas sem emprego" (PJ4) onde existe movimentação dos elementos para o centro da cidade ou fora dela.

3.6. Caraterística dos membros dos gangues juvenis em Portugal

Passemos a outra categoria, esta correspondente às caraterísticas dos membros, abordando diferentes subcategorias sobre o género, idade, etnia, condição social, entre outras, será uma descrição mais extensiva também pelo número de elementos avaliativos que dispões.

3.6.1. Género

Quanto ao género, os agentes de segurança referem a existência de uma superioridade numérica de elementos do sexo masculino, porém os gangues são considerados mistos, pela ascendência numérica de elementos do sexo feminino a pertencer a gangues, como refere um agente, "mais homens, sem dúvida, mas já começam a aparecer mais mulheres, levadas se calhar pelo poder que esses gangues transmitem e na sua própria comunidade sentirem-se mais fortes, mais seguras" (GNR1).

3.6.2. Idade

Já quanto à idade, a maioria dos sujeitos identifica os elementos dos gangues como adolescentes com alguns membros jovens adultos, "idades entre os 14 anos e os 25 anos" (PSP18), "dependendo do local mas a partir dos 10, 11 anos até aos 17,18, faixa etária que mais elementos fornece para este tipo de ambientes" (GNR3), alguns agentes referem a idade relacionada com o ser líder do gangue, "um líder mais velho, entre os 18 e 20 anos" (GNR1).

3.6.3. Etnia

Quanto à etnia dos membros dos gangues, os agentes referem uma diversidade relacionada com a localização geográfica, "em determinadas zonas, está associado aos emigrantes, e noutras zonas nem por isso... é um fenómeno que se sente mais na componente urbana" (PJ25), há existência de gangues com mistura étnica, ou pertencente a um grupo étnico específico, como referem, "parte dos miúdos que estão envolvidos neste tipo de práticas, a maior parte deles ou são estrangeiros mesmo ou então são filhos de angolanos, africanos, ucranianos, quer dizer, ciganos"(PJ4), contudo, na nível das diferenças geográficas, os agentes referem a existência de uma maior diversidade étnica na área metropolitana de Lisboa, já na área metropolitana do Porto, não se constata tanta esse facto, havendo pouca mistura e incidência de grupos étnicos associados aos gangues.

3.6.4. Condição Social

Ao nível da condição social, os agentes referem os elementos dos gangues como pertencentes a classe social desfavorecida, "associados a fracas condições económicas" (PSP10), referem a desintegração social, pelo facto de eles não estarem completamente integrados com as normas internas da própria sociedade, estão fortemente associados a bairros sociais problemáticos, porém mostra que tal não pode ser levado como uma regra, onde "jovens perfeitamente integrados que acabaram por se juntar a grupos"(PJ4) também fazem parte de um realidade, com isto, os gangues não são

somente oriundos de bairros sociais, não pode ser uma característica predominante (PSP18).

3.6.5. Características Familiares

Do ponto de vista das características familiares, os agentes de segurança referenciam a proveniência de famílias desestruturadas problemáticas, segundo um agente, "já não têm a própria família, não têm bases nenhuma, são indivíduos de famílias muito problemáticas, ou, que existe muitos problemas relacionados com álcool, problemas de violência doméstica, são indivíduos que já estão expostos, desde pequenos, a violência neles, e à falta de regras"(PSP18), também a autonomia precoce é um fator que os agentes referiam de forma geral, o estarem entregues a eles próprios, a falta de acompanhamento familiar, de supervisão, como identificam, "é a fraca supervisão, essa é de facto um varável que está estudada na sociedade de delinquência juvenil" (PJ25).

3.6.6. Formação Pessoal e Educação

Também referente à formação pessoal e educação, todos os agentes referem uma relação conflituosa com a escola, seja esta sobre a forma de abandono, desinteresse, ou apenas insucesso escolar, "normalmente não têm escolaridade, eles próprios desistem da escola muito cedo" (PSP18), existe também neste ponto a relação entre o insucesso escolar mais a entrada no gangues como muitos influenciáveis, ou seja, um associado a outro. Os agentes referem também a falta de valores morais como um fator muito característico, "são pessoas terminais, aquelas são as leis deles, as ideias deles, e o que impera é aquilo, nada do que vem de fora é aceite, por muito que se tente não vai ser aceite" (PSP10), "quando jovens não tiveram valores que lhes eram inculcados"(GNR3), também a falta de regras, a transmissão de regras em idade jovem é um assunto que os agentes referem como sendo fator característicos dos elementos dos gangues.

3.6.7. Características individuais

No que diz respeito às características pessoais dos indivíduos, como sendo impulsivos e com baixo autocontrole sobre os acontecimentos, justificando a sua passagem ao ato com facilidade, assim como desinteresse por procura de trabalho, ou outra forma de resolução para encontrar fundos financeiros para satisfazerem os seus desejos materiais, por exemplo, "não demonstram interesse nenhum por trabalhar... muitas das vezes quando vão procurar um emprego já querem receber três vezes mais o salário mínimo, ou duas vezes mais o salário mínimo... e também estão pouco borrifando para trabalhar ou não" (GNR3), "têm uma maneira de ser, de agir, de pensar, digamos de conviver, muito próprio, os resultados normativos e ideológicos... a identidade, ou as características de ser, seja um líder ou não, são semelhantes entre si... a maneira de vestir, a maneira de agir, a maneira de pensar, de julgar os valores ideais, é a característica mais marcante do gangue." (PSP10). A violência e a manipulação também estão associadas a características próprias dos membros dos gangues, como podemos constatar até então, "é preciso que o grupo funcione em todas as valências, ou seja, é preciso quem mande, é preciso quem obedeça... é preciso elementos fortes fisicamente, é preciso elementos fortes tecnicamente... que saibam onde arranjar armas, que saibam arranjar um carro ou que saibam assaltar um carro, um que saiba dar ordens... E vamos ter personalidades muito fortes, verdadeiros líderes, como vamos ter aqueles que são os submissos" (PJ4). Alguns agentes também referem características pessoais associadas à dependência de substâncias, "eles diziam sempre, é as ganzas" (PJ25).

3.7. Atividades delinquentes perpetradas pelos jovens dos gangues juvenis

3.7.1. Objetivo das atividades delinquentes

O objetivo das atividades delinquentes, como se vem referindo, prende-se essencialmente com a obtenção de bens ou dinheiro, como foi referido nos fatores motivacionais para a entrada num gangue, "para ver se conseguem fundos monetários com furtos" (GNR3), assim como pela diversão/prazer, "desde humilhar" (PSP18),

"pelo prazer de práticas desse ilícitos" (GNR3), como foram referindo no decurso das entrevistas.

3.7.2. Tipos de atividades perpetradas

As atividades delinquentes descritas pelos agentes de segurança, o tipo de atividades mais recorrentes no discursos dos mesmos estão ligadas com a agressão física e sexual, como referem, "os gangues têm sempre associada a eles a violência... é uma forma de conseguirem o objetivo deles" (PSP18), "alguns crimes também relacionados com a autodeterminação sexual, alguns crimes contra as pessoas" (PSP10), os assaltos, roubos, furtos e extorsões são o grosso das atividades perpetradas pelos gangues, "o furto e o roubo são a atividades principal deles" (PSP18), associado à violência, "se rouba alguém é capaz de lhes dar uns murros, partir uns deles por causa de um telemóvel" (PSP18), como especifica um agente. Quanto à atualidade, os agentes referem que "neste momento em termos de realidade criminal, será o furto de viaturas de alta cilindrada, conforme já foi, à dois anos atrás, a questão dos assaltos a residências, os assaltos a estabelecimentos comerciais"(PSP10). Outro tipo de atividades que faz parte dos relatos dos agentes, muito presente nos mesmos, é a provocação de distúrbios, perturbar, destruir e vandalizar, tidos como crimes contra o património, refere um agente, "são meros distúrbios que não chegam à violência efetiva, mas que causam mais perturbação e incomodo na comunidade do que a própria violência"(PJ4), "perturbação da ordem pública, pura e simples, do que propriamente a prática de crimes, crimes graves... o aborrecer porque me apetece aborrecer sem motivo, sem propriamente fundamentação" (PJ4), e num nível mais violento, a "destruição pura, só para se divertirem... só por prazer... por estragar" (GNR1). Por fim, são também mencionados outro tipo de atividades, tais como o tráfico de drogas, contrafação de bens e o consumo de substâncias.

3.8. Problemas relacionados com os gangues juvenis

Por fim, os problemas relacionados com gangues, são referidos os abusos físicos e psicológicos, "as atividades dos gangues na sociedade... provocam o receio, o medo na sociedade... sendo noticiado, sendo mandado para o exterior... provoca um grande receio na sociedade, provoca medo, inquietação na sociedade em geral" (PSP18), como sendo os principais problemas. Porém notou-se, como acima exposto, referencia somente ao problema macrossocial, não havendo referencia a problemas centrados nos membros dos gangues, seja a sua vitimização dentro do próprio gangue juvenil.

III - Discussão dos resultados e Conclusão

Terminada a apresentação dos resultados, consideramos pertinente ver até que ponto existe relação entre os principais argumentos veiculados na literatura sobre os gangues juvenis, e os dados recolhidos junto dos agentes das forças policiais portuguesas

Discussão de resultados

De forma geral, as informações recolhidas nas entrevistas foram ao encontro das teorias conhecidas sobre o fenómeno dos gangues juvenis, contudo com umas diferenças, pois os agentes não referem detalhadamente os conceitos que empregam, com a discriminação e objetividades desejável. O que significa que a visão geral sobre o fenómeno, a sua representação, encontra-se de acordo com o estipulado nas definições, motivação, dinâmica e características dos elementos do gangue, contudo os agentes expunham as suas representações ora de uma forma extremista ora de uma forma vaga. Um exemplo disso é o facto de referirem os jovens delinquentes como jovens sem objetivos de vida, ou que todos os pais de jovens ligados a gangues eram negligentes.

No que diz respeito à definição, quando De Lord e colegas (2010) se refere a um gangue como um grupo com identidade distinta, ou Jankowski (1991), com um gangue como sistema social organizado, quase privado, com uma interação social com governamento, ou seja líder, códigos sociais como operacionais de regulamentação dos comportamentos de liderança, onde reclamam controlo sobre a forma de crime ou delito, para conseguirem atingir os seus fins, como nota Johnson & Muhlhausen (2005).

Todos os aspetos referidos pelos agentes relativos aos gangues juvenis vão ao encontro de pelo menos uma definição proposta pela literatura. Algumas definições como Sharp, Aldridge e Medina (2006), onde a questão tempo é importante, onde o gangue deve ser um grupo com uma cronologia temporal superior a três meses de convívio, não vai de encontro exatamente no discurso de alguns agentes, não tomaram a rigidez dos três meses exatos como uma medida temporal para o grupo, referindo apenas que este grupos são voláteis quanto ao tempo, podendo ter muito tempo de existência ou existirem somente para um tipo de crime com tempo limitado de execução.

Neste ponto temos presentes as questões da identidade, seja o nome, ou regras próprias, a hierarquia ou liderança e o grupo como fortemente relacionamos com outras visões internacionais. O comportamento exposto dos jovens pertencentes a um gangue já não é explícito na secção da definição do fenómeno, apesar de Curry (cit in Chesney-Lind, 1994) referir o gangue juvenil como um grupo violador de leis e regras, não é explícito quando comparado com a informação detalhada dos agentes, apesar de esses mesmos comportamentos, que Curry refere, como desviantes ou delinquentes, não serem expressados como comportamentos em confronto ou oposição como os agentes referem.

Quanto a factos que motivam e fatores de risco na participação em gangues, a bibliografia refere que existem essencialmente duas grandes perspetivas: a visível, onde os ganhos de bens materiais ou monetários são os mais evidenciáveis, neste aspeto temos os agentes a referir a busca de apropriação, de forma direta como o furto ou roubo para adquirir fundos para os mesmos, e as semelhanças de valores entre os indivíduos, onde os agentes referem as mesmas crenças, valores ou gostos como indicadores pessoais, imateriais, para o ajuntamento a outros com os mesmos. Porém este último aspeto torna-se, de certa forma, geral para os adolescentes. Sejam eles

delinquentes ou não, está no desenvolvimento dos jovens, na sua criação de identidade e construção de crenças, a tendência de criação de grupos a partir de semelhanças entre eles. Não será de esperar que no caso destes jovens seja exceção.

A motivação que, Gordon e colegas (1999), prende-se com: a falta de oportunidade económica, ou seja, falta de fundos financeiros para satisfazer os seus desejos materiais, anteriormente referida; a teoria da seleção, onde grupos de jovens delinquentes maravilhados pela ideia de entrar num gangue, seja pela dinâmica em si, ou pelos elementos integrantes do gangue de referência, facto muito relacionado com colegas de escola ou vizinhança, pode ser um aspeto aliciante para os jovens; a teoria da socialização, refere que jovens não delinquentes enveredam os gangues por questões de autoestima, poder e proteção, entrando posteriormente em atividades antissociais, referem a socialização como um forte motivados para as relações dentro do gangue, também esta socialização é vista como uma iniciação, formação, de um gangue se este ainda inexistente oficialmente.

Quanto a estas teorias, apresentadas no parágrafo anterior, apesar de não apresentadas da mesma forma, são abordadas no discurso dos agentes sobre a forma de chamariz que levavam os jovens a se inserirem num gangue juvenil, sendo a socialização como uma das mais referidas pelos agentes de segurança, como forte motivador.

As razões para a entrada no gangue, seja pela viabilidade económica e social, como referem Spengal, Curry & Chance (1989, cit in Zatz, 1987), assim como pela proteção, solidariedade e estatuto, são referidos mais do que uma vez pelos agentes, mas essencialmente com maior enfoque no princípio da viabilidade económica e social e o estatuto. Também estes autores, remetem a busca da solidariedade, proteção e existência de um parente já inserido no gangue, relacionado com a falta de supervisão em casa, dos aspetos negativos, neste caso, a supervisão é sem dúvida um aspeto referido pelos agentes, constantemente referem a importância da falta de relacionamento normativo entre pais e filhos. Assim como a falsa necessidade de terem bens, mas devido às dificuldades económica sentidas no seio familiar, não são correspondidas.

É notório que o discurso dos policiais sobre a participação dos jovens em gangues converge com a literatura existente. Por exemplo a referência à busca de prazer referida por diversos agentes, vai ao encontro do argumento de Howell (2010) como um chamariz para a entrada nos gangues, e neste caso, como referido quanto à socialização.

Em parte os agentes referem no seu discurso a sua formação consequente de um contexto social e económico problemático, a dificuldade de se inserirem ou a discriminação social que estão sujeitos, assim como a constante presença de violência no seu espaço habitacional, como sendo fatores que promovem a procura do gangue, sendo esta ideia fundamentada pelos investidores. Como Decker & Curry (2000) e Joe & Chesney-Lind (1995) (cit in Fox & Lane, 2010), estes referem que a participação se deve em parte à vivência num bairro com alto nível de criminalidade e baixa condição socioeconómica.

No que diz respeito a fatores psicológicos, é o caso de Knox (1995) que refere o baixo autocontrolo, a tendência para a procura de comportamento de risco, podendo ser traduzido aqui como o consumo de substância ou a busca da referida adrenalina já mencionada, ou como refere Thronberry e colegas (2003) o desenvolvimento de crenças ligadas à delinquência, onde um dos agentes refere a perceção de sentimento de impunidade por parte dos jovens relativo ao sistema jurídico, como estando em relaciona com a opção de perpetrar atividades antissociais, indo de encontro com o que os agentes referem, porém este acrescentam a fraca resolução de problemas, "estão habituados que tudo se revolve com uma chapada, um empurrão e um encontrão" (PJ25), também a baixa autoestima e resistência à frustração, podendo ser considerados como preditores associados à procura de proteção ou segurança num grupo.

Quanto aos fatores de risco ligados à família, Nakhid (2009) refere que o gangue é visto como uma família, esta externa à tipologia comum, ou pelo menos ordinária, e neste ponto os agentes não referiram este ponto discriminado, mas sim interpretado como busca do grupo como compensatório, substituto, dessa relação familiar.

Como é referidos no seu discurso, os agentes caracterizam as famílias como desestruturadas e/ou problemáticas, onde existe uma disfuncionalidade característica da mesma, fomentando a autonomia precoce nos jovens e a preocupação pelo ganho de fundos para alimentarem as suas necessidades pessoais, consequente da impossibilidade monetária por parte da família. Assim como Le Blanc & Lancetat (1998) (cit in

Thornberry et al, 2003) referem, o pobre controlo familiar, incluindo baixa supervisão parental, falta de controlo ou monitorização na infância, abuso ou negligência como altos preditores que se associam à entrada de jovens num gangue, vai de encontro ao que os agentes anteriormente justificam.

Cusson (2006) destaca as famílias dos jovens como caracterizadas pela desordem educativa, indo ao encontro do que os agentes referem, como não lhes é ensinado nem inculcada a conduta de regras e normas, devido à parentalidade indiferentes dos seus encarregados de educação, sendo estes desatentos e negligentes. Os agentes sublinham ainda que estes comportamentos parentais constituem fatores de risco quanto à construção social dos jovens, pondo os jovens frágeis aos estímulos vindo dos gangues e das condutas nas atividades ditas características.

No que diz respeito a fatores de risco ligados à comunidade e à escola, estes jovens são sinalizados como estando em contacto diário com outros jovens delinquentes, inseridos na própria zona residencial e no espaço escolar. Neste ponto, os agentes sinalizam estas relações, não só a comunidade, apesar de forma pouco objetiva, mas especialmente a escola como a incubadora destas relações, associadas à partilha do insucesso escolar ou o baixo aproveitamento para com os estudo ou carreira académica, ou a desistência precoce do percurso escolar. Após a exclusão destes indivíduos do sistema escolar por razões disciplinares, sejam estes sobre forma de suspensão ou expulsão, poderá ocorrer uma solidificação do grupo, havendo o sentimento de partilha e semelhança para com outros jovens de referência.

Quanto aos fatores de risco relacionados com o grupo de pares e o consumo de substância, os agentes vão de encontro com a suposição dos teóricos, referindo que os seus parceiros dentro do gangue são da sua zona de residência, assim como uma das atividades que mais perpetram, aquando expostos, é o consumo de substâncias, "ganzas" como refere um agente, podendo este consumo ser também um motivo de união do grupo, assim como criação de rotina dentro do sistema de convívio entre os jovens.

Sobre os estudos relativos aos processos de constituição e funcionalidade do gangue, algumas referências a estes processos foram ditas ao longo da discussão, porém duas foram diretamente ao encontro do que os agentes de segurança referiram, as teorias da seleção e socialização dos adolescentes, onde estes remetem o grupo como um meio de substituição de sensações que não possuiriam de outra forma, ou seja um sistema

relacional, onde havia a semelhança de interesses e crença, assim como formas de convívio, socialização.

Virgil (1998) aponta a falha das instituições como um promotor para a procura das subculturas da rua para substituir isso mesmo, e neste caso temos os agentes a referirem a instituição principal, a família, e até a escola, como tendo pouco sucesso na construção da identidade e acompanhamento do jovem. Quanto à "*cultura gangster*", esta encontra-se muito predominante na adolescência, seja pela influência das redes sociais, refere Howell, ou pela noção de grupo e pertença neste, a necessidade de manter um grupo com características semelhantes entre si seja ele étnico ou pelas "músicas". Quanto a estas, os agentes estão de acordo quando referem as músicas como forma de fomentar a violência e rivalidade/confronto com a autoridade, ou instrumentos de controlo, como sendo "inimigas" dos jovens. Também a questão étnica é referida pelos agentes como significativa, mas com diferenças entres regiões metropolitanas, onde na área metropolitana de Lisboa isso não é tão rígido pela multiculturalidade, já na área metropolitana do Porto é um facto, devido à ainda pouca multiculturalidade, talvez por ser considerada ainda um cidade secundária, mas com existência também de gangues.

No que diz respeito aos crimes perpetrados os agentes referem o furto, roubo e a provocação de distúrbios na comunidade (inclusive crimes contra o património), como as principais ilicitudes, mas com a presença de violência constante, ou seja comportamentos violentos regulares. Indo de encontro ao que os estudos mostram, onde a violência é um ponto sempre existente, seja com o auxílio ou não de arma.

O tráfico de substâncias também é mencionado pelos polícias, indo uma vez mais ao encontro da informação internacional recolhida, como sendo um tipo de atividades que os gangues se dedicam regularmente. Por outro lado, algo que diferencia o contexto nacional do internacional no tipo de atividades, são as questões territoriais, onde tal é mais evidenciado em países como os Estados Unidos da América em contraste com a realidade nacional.

Em suma, podemos referir que as representações dos polícias portugueses sobre gangues juvenis são, em larga medida, convergentes com a literatura sobre o fenómeno. Tal sucede, independentemente de a esmagadora maioria das referências ao fenómeno serem internacionais, em ambas as partes pois temos o contexto e especificidades caracterizadas dos países em questão, com a existência de heranças culturais e dinâmicas sociais específicas.

Conclusão

Neste último ponto, após o cruzamento da informação recolhida no âmbito de fundamentação do fenómeno dos gangues juvenis, considerou-se alguns aspetos que se mostraram de interesse referir. Apesar de não estarem contidos neste cruzamento explicitamente, foram encontrados no decorrer do processo investigativo.

Em primeiro lugar, notou-se uma diferença entre as três principais forças de segurança quanto ao seu registo. Julgamos que a Guarda Nacional Republicana, devido à sua ação pontual junto de jovens, sem conhecimento prévio de situação com gangue, tenha de certa forma mais conhecimento sobre o fenómeno fora do local de trabalho, com a consequência de essa representação vir a ser transportada para esse local, originando representações pouco claras ou objetivas do que é um gangue juvenil em termos. No que diz respeito à Policia Judiciária, mostra-se a polícia com maior conhecimento científico sobre os gangues juvenis, referindo com maior sustentação as características que sustentam a definição do mesmo, não recorrendo a representações estigmatizantes ou do conhecimento comum. Por fim, quanto à Policia de Segurança Pública, pode-se considerar como uma intermédia com as restantes forças policiais, mostrando um conhecimento não tão transparente quanto a Policia Judiciária, mas com uma sustentabilidade maior e mais objetiva, do que a Guarda Nacional Republicana, indo de encontro com alguns conhecimentos científicos sobre o fenómeno.

Considerou-se que apesar de haver seis agentes, dois representantes de cada uma das três polícias portuguesas, poderia haver uma maior contribuição se o número de agentes fosse em maior número. Isto é fundamentado visto estas forças serem consideradas como privilegiadas no contacto com os jovens, com maior proximidade

aos meios onde haverá propensão para o aparecimento deste fenómeno, e como agentes que combatem a atividades caracterizadas como sendo perpetradas pelos jovens pertencentes a um gangue juvenil. Considera-se que num momento futuro, já com esta primeira impressão de como poderá ser a representação deste fenómeno para os agentes de segurança, haver uma maior exploração da perspetiva sobre fenómeno em Portugal.

Também relacionado com o contexto nacional, uma dificuldade encontrada, e que sustenta a necessidade de contínuo estudo sobre este fenómeno da delinquência juvenil, centra-se na escassez de estudos ou trabalhos científicos, especificamente sobre o fenómeno dos gangues juvenis no contexto português. Em contrapartida existem informações não formais, sem serem cientificamente fundamentadas, juntos dos *media*, servindo como meio de contaminação à partida para possíveis reflexões sobre o fenómeno, assim com a sua representação a nível nacional realista.

Para concluir, encontrou-se um consenso da existência efetiva de gangues juvenis em Portugal, com correspondência a algumas definições descritas por investigadores do fenómeno de outros contextos internacionais, sem haver uma definição rígida no que diz respeito os pontos que definem um grupo de jovens que pratica atos ilícitos como gangue juvenil, mas com características que são voláteis entre os diferentes gangues e os seus objetivos. Considerou-se que a maior presença deste fenómeno é nas áreas metropolitanas, quanto às suas atividades, mas com local de residência nas periferias, em zonas marcadas por contexto sociais deficitários, com necessidades especiais. Notou-se que o tipo de atividades se centra no furto e roubo, a propriedades ou pessoas diretamente, com o intuito de fazer seus os bens de outros. No que diz respeito às suas motivações, para formação ou autointitular como gangue, vão de encontro à procura de meios para terem o que desejam de forma "fácil", procura de estatuto ou poder, e substituição do sentimento de apreciação ou pertença, supostamente encontrado no seio familiar, mas devido à falta de supervisão e negligencia não o sentirem. Por fim um dos dados mais interessantes, encontrou-se quanto aos problemas relacionados com este fenómeno e as consequências suportadas. Os agentes referem consequências a nível externo ao grupo, ou seja, referem problemas relacionados com o medo e insegurança que trazem para a população que partilha o espaço de ação dos jovens, e problemas de ordem pública, contudo não existe uma referência a consequências relativas aos seus membros, seja a vitimização a que alguns jovens estão sujeitos, ou pelo próprio grupo, ou devido a participarem neste, sendo este

ponto também um tópico que poderá ser interessante aprofundar em estudos futuros. Assim como seria de especial interesse o contraste das representações dos agentes de segurança com a de outros profissionais que lidam com o fenómeno, instituições que acolhem jovens com características semelhantes, por exemplo.

Referências Bibliográficas

- Albarran, N. M., Berg, S., Convington, L., Koffman, S., Ray, A. & Vasquez, M. (2009). Impact of a comprehensive whole child intervention and prevention program among youths at risk of gang involvement and other forms of delinquency. *Children and School*, 31(4)
- Almeida, L. S. & Freire, T. (2007). Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação. Braga: Psiquilíbrios edições.
- Bloom, J. J., Lankeman, S. E., Loken, A., Sanders, B. & Schneiderman, J. U. (2009). *Gang youth as a vulnerable population for nursing intervention*. Public Heath Nursing. Wiley Periodicals Inc. Vol 26, N°4.
- Borg jr, M. B. & Dallas, M. R. (2004) *Treatment of Gangs/Gang Behavior in Adolescence*. Chapter 24 (edition and major booh, unknown)
- Bouchard, M. & Spindler, A. (2010). *Groups, gangs, and delinquency: does organization matter?* Journal of Criminal Justice. Vol. 38, pg. 921-933. Elsevier Science Ltd.
- Bray, T. M.; Egley, A. & Rosenfeld, R. (1999) *Facilitating Violence: A comparison of gang-motivated, Gang-Affiliated, and Nongang youth homicides*. Journal of Quantitative Criminology, Vol 15, N° 4. Plenum Publishing Corporation.
- Cahill, M. & Hayeslip, D. (2010). *Finding from the evaluation of OJJDP's gang reduction program*. Juvenil Justice Bulletin
- Chavez-Lopez. L.; Norris, E.; Sass, L.; Sharkley, J.D. & Shekhtmeyster, Z. (2011) *The protective influence of gangs: Can school compensate?* Agression and Violent Behavior. Vol 16. Pg 45-54. Elsevier Science Ltd.
- Chesney-Lind, M.; Marker, N; Reyes, H.; & Rockhill, A. (1994). *Gangs and delinquency, exploring police estimates of gang membership*. Crime, Law & Social Change, Kluwer Academic Publishers.
- Curry, G. D. & Decker, S. H. (2000). *Responding to gangs comparing gang member, police, and task force perspectives*. Journal of Criminal Justice. Vol 28. Elsevier Science Ltd.
- Cusson, M. (2006). *Criminologia*. Cruz Quebrada: Casa das Letras/Editorial Notícias

- De Lord, B., Ghapson, S. Quijano, L. & Weeds, M. 2010. *Juvenile gang in UK and european union*. European dimension: freedom, security and justice.
- Dupéré et al (2007). *Affiliation to youth gangs during adolescence: The interaction between childhood psychopathic tendencies and neighborhood disadvantage*. J. Abnorm Child Psychol, N° 35, pp 1035-1045. Springer Edition.
- Bardin, L. (2008) *Análise de Conteúdo*. Edição 70, LTD.
- Dupéré, V., Lacourse, É., Tremblay, R. E. & Vitaro, F. & Willms, J. D. (2007) *Affiliation to youth gang during adolescence: the interaction between childhood psychopathic tendencies and neighborhood disadvantage*. Journal of Abnormal Child Psychololy. Springer Science & Business Media.
- Esbensen, F. A., Freng, A., Peterson, D. & Taylor, T. J. (2009). *Similarities and differences in risk factors for violent offending and gang membership*. The Australian and New Zealand Journal of Criminology. Vol42, N°3.
- Farrington, D.P; Gordon, R. A.; Lahey, B. B.; Loeber, R. & Stouthamer-Loeber, M. (1999) *Boys who join Gangs: A prospective Study of Predictors of first gang entry*. Journal of Abnormal Child Psychology, Vol. 27, N° 27, pp261-276. Plenum Publishing Corporation.
- Fernandes, E. M. & Maia, A. (2001). Grounded Theory. In Fernandes, E. & Almeida, L. (Eds.), *Métodos e Técnicas de Avaliação: Contributos para a prática e investigação psicológicas* (pp. 48-76). Braga: U. M.
- Fox, K. A. & Lane, J. (2010) *Perceptions of gang among prosecutors in an emerging gang city*. Journal of Criminal Justice. Vol 38. Pg. 595-603. Elsevier Science Ltd.
- Hitchcock, J. (2001) *Adolescent Gang Participation: Psychological Perspectives*. Journal of Police and Criminal Psychology, vol 16, n°2.
- Gatti, U., McDuff, P., Tremblay, R. E. & Vitaro, F. (2005). *Youth gang, delinquency and drug use: a test of the selection, facilitation, and enhancement hypotheses*. Journal of Child Psychology and Psychiatry. Vol 46 N°11
- Howell, J. C., (2010). *Gang prevention: an overview of research and programs*. Juvenile Justice Bulletin.
- Lavado, A. M. (2010). *As relações de vinculação e a afiliação aos gangs*. Ousar integrar - Revista de Reinserção Social e Prova. N°6.

- Johnson, S. & Muhlhausen, D. (2005). *North American Transnational youth gangs: Breaking the Chain of Violence*. Trends in Organized Crime. Vol. 9, Nº1. Manson, R. & White, R. (2006) *Youth gangs and youth violence: charting the key dimensions*. The Austrian and New Zealand Journal of Criminology. Vol 39 Nº1.
- Melde, C., & Esbensen, F. (2011). Gang membership as a turning point in the life course. *Criminology*, 49(2), 513-552.
- Nakhid, C. (2009) *The meaning of family and home for young Pacifica people involved in gang in the suburbs of south Auckland*. Social Policy Journal of New Zealand.
- Parry, B., (2010). *Correction must lead the fight against youth gangs*. National Gang Intelligence Center. "
- Pearson, G. (1994). *Youth, crime and society*. In, M. Maguire, R. Morgan & R. Reiner, *The Oxford Handbook of Criminology*, (cap.24). Oxford: Clarendon Press.
- Rodrigues, A & Rodrigues, R. N. (2009). *Gang Juvenis: realidade ou ficção. Um olhar sobre a delinquência juvenil no concelho de Sintra*. Ousar integrar - Revista de Reinserção Social e Prova. Nº4
- Salagaev, A. L. & Shashkin, A. V. (2005). *Youth gangs: experience from a pilot survey*. Russian Education and Society. Sharpe, Inc. Vol 47, Nº 12.
- Zatz, M. (1987) *Chicago youth gangs and crime: the creation of a moral panic*. Contemporary Crisis. Nº 11, pg 129-159. Martinus Nijhoff Publisher

Anexo 1 - Guião da entrevista

Tópicos / questões	Observações / instruções
<p>0) Perspetiva pessoal sobre o fenómeno</p> <p>0.1. Definição de gangue juvenil.</p> <p>0.2. Concordância/ discordância com definições propostas por autores:</p> <p>0.2.1. Gangue é um grupo juvenil dedicado a atividades delinquentes, interna e externamente reconhecido como um grupo, que cria adversidade na comunidade e nas autoridades locais (Trasher, 1927).</p> <p>0.2.2. Gangue é um grupo de três ou mais indivíduos, que estão em espaços públicos durante pelo menos três meses, desenvolvendo atividades delinquentes e tendo uma ou mais características estruturais (por exemplo, um nome, um líder, um conjunto de regras) (Sharp, Aldridge & Medina, 2006).</p> <p>0.2.3. Os gangues emergem de conflitos entre grupos de adolescentes e de conflitos entre os grupos e as regras da comunidade. Os gangues podem surgir num contexto de conflito de uma comunidade, quando os jovens são alienados das instituições comunitárias, nomeadamente da família e da escolar (Esbensen et al., 2009).</p> <p>0.3. Explicação pessoal sobre a formação de gangues e sobre a motivação dos jovens para afiliação a gangues.</p>	<p>0.1. Pedir para explicar em que se baseia a definição – prática profissional, media?.</p> <p>Explorar até que ponto consideram que gangue é mais do que violência em grupo.</p> <p>0.2. Explorar concordância e discordância em cada definição, nomeadamente (e por exemplo) quanto a...</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relação do grupo com a comunidade • Atividades delinquentes (apenas?) • Permanência em espaços públicos • Tempo (3 meses?)

<p>1) Contextualização do fenómeno em Portugal</p> <p>1.1. Perceção acerca da existência do fenómeno de gangues juvenis.</p> <p>1.1.1. Existência ou não.</p> <p>1.1.2. Extensão do fenómeno: no país e na região onde o sujeito intervém (se possível, dar estimativa de número de jovens).</p> <p>1.2. Caraterização do fenómeno</p> <p>1.2.1. Tipos de gangues.</p> <p>1.2.2. Distribuição geográfica do gangue (Regiões do país onde o fenómeno é mais prevalente; tipos de zonas).</p> <p>1.2.3. Caraterísticas dos membros dos gangues</p> <ul style="list-style-type: none"> • Idade; Etnia; Género • Contexto social, económico e cultural; Contexto familiar • Escolaridade e relação com a escola; Trabalho • Estilo de vida <p>1.2.4. Caraterização das atividades delinquentes perpetradas pelos gangues</p> <p>1.2.5. Especificidades do contexto Português</p> <p>1.3. Principais problemas relacionados com os gangues juvenis em Portugal.</p>	<p>Esta contextualização refere-se sempre ao contexto Português; Tentar perceber como fundamentam esta contextualização. Tem a ver com experiência profissional? Media?)</p> <p>[1.2.1.] Procurar perceber se considera que existem diferentes tipos / quais? Perceber se considera que há grupos de jovens com comportamentos violentos, embora não os considere gangue.</p> <p>[1.2.5.] Em que medida a caraterização se deve a especificidades do contexto português?</p>
---	--

<p>2) Questões específicas sobre Género.</p> <p>2.1. Proporção de raparigas nos gangues juvenis.</p> <p>2.2. Existência de gangues mistos e papel das raparigas no gangue.</p> <p>2.3. Especificidades das raparigas nos gangues (Caraterísticas; Motivações).</p> <p>2.4. Processos de envolvimento e manutenção no grupo.</p> <p>2.5. Atividades desenvolvidas no gangue.</p>	
<p>3) Prática de intervenção e prevenção da delinquência juvenil (e gangues)</p> <p>3.1. Perceber se tem prática de intervenção no fenómeno e caracterizar essa prática.</p> <p>3.1.1. Contexto das acções desenvolvidas.</p> <p>3.1.2. Aspectos positivos e aspectos negativos dessas ações.</p>	
<p>4) Perspetiva sobre políticas e práticas de intervenção e prevenção da delinquência juvenil (e gangues) em Portugal.</p> <p>4.1. Perceção sobre a intervenção dirigida ao fenómeno, em Portugal.</p> <p>4.1.1. Caraterização genérica do tipo de acções desenvolvidas.</p> <p>4.1.2. Indicação da quantidade e da qualidade dessas ações.</p> <p>4.2. Identificação de “boas políticas” e “boas práticas” e dos fatores / aspectos inovadores de ações a que reconhece eficácia e que podem ser replicados noutros contextos.</p> <p>4.3. Principais dificuldades e resistências que podem surgir no âmbito da intervenção no fenómeno.</p> <p>4.4. Proposta de ações urgentes para o combate à realidade dos gangs juvenis.</p>	<p>Colocar questões sobre a intervenção na delinquência juvenil, e depois especificar para gangues juvenis.</p>

<p>5) Conhecimento de estudos desenvolvidos sobre gangues.</p> <p>5.1. Estudos que quantificam e caracterizam este fenómeno em Portugal.</p> <p>5.2. Resultados dos estudos desenvolvidos.</p> <p>5.3. Outputs dos estudos desenvolvidos (e.g., relatórios, artigos, outras publicações, sites).</p>	
<p>6) Avaliação final e conclusão da entrevista.</p>	<p>Perguntar se quer acrescentar algo que não tenha sido dito.</p> <p>Pedir para avaliar entrevista.</p>

ANEXO 2 - Listagem dos códigos utilizados para análise dos dados recolhidos em entrevista

Categorias	Definição
1. Fundamentação da perspetiva pessoal sobre gangues juvenis	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes à fonte de informação referente ao fenómeno aos gangues juvenis, que disponibilizam
1.1. No que leio, no que vejo no dia-a-dia	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes a notícias, conhecimento via televisão, rádio, jornais ou revistas, ou simples conversas de outros.
1.2. Experiência Profissional	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes a experiência direta com jovens inseridos em gangues ou gangues propriamente ditos.
1.3. Formação específica	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes a formação com conteúdos referentes aos gangues juvenis, onde o assunto é abordado.
2. Definição de gangues juvenis	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes a definições dadas sobre o fenómeno específico.
2.1. Grupo	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes à representação do fenómeno como grupo de jovens ou coletividade de jovens ou agrupamento de jovens.
2.2. Território	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes à noção de território e a sua importância na definição de gangue, enquadramento nesta.
2.3. Identidade	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes à representação da identidade que o gangue juvenil mostra ter para a sua identificação como tal.
2.4. Comportamento	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes ao comportamento característico e alvo de identificação como diferencial entre outros grupos e somente característico do gangue juvenil.
3. Formação dos gangues juvenis	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes à forma como os gangues juvenis se formam, compõem.
3.1. Dimensão Social	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes à formação dos gangues juvenis devido ao contexto social e económico conotado como problemático.
3.2. Dimensão Territorial	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes à formação dos gangues juvenis na escola e com pares da área residencial.

3.3. Dimensão Relacional	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes à formação dos gangues devido a dificuldade de relacionamento com a comunidade em geral, melhor relacionamento com pares delinquentes, ou por características pessoais melhor ajustadas a jovens específicos.
4. Motivação para formação dos gangues	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes à motivação pessoal para a procura de se inserirem num gangue.
4.1. Motivação psicológica	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes a traços pessoais, ditas psicológicas, referidas em registo direto dos agentes.
4.2. Procura de bens materiais	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes à motivação para adquirir matérias diversas, ou pré-matérias para adquirir outras posteriormente.
4.3. Procura de Estatuto/ Identidade/ Poder	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes à motivação para busca de representações sociais ou imagens deles próprios com representações fortes para outros, seja medo, respeito ou admiração.
5. Contextualização do fenómeno em Portugal	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes à imagem do fenómeno no contexto português.
5.1. Existência do fenómeno	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes à existência factual do fenómeno no contexto português.
5.2. Extensão do fenómeno	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes à extensão, representação numérica, dos gangues juvenis no contexto português.
5.3. Tipos de Gangues	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes aos tipos de gangues, quanto à classe social, violência e identificação de gangues juvenis de conhecimento pessoal.
5.4. Distribuição do fenómeno	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes ao foco de maior predominância do fenómeno em contexto português.
6. Características dos membros dos gangues juvenis	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes a características específicas dos elementos pertencentes aos gangues juvenis.
6.1. Sexo	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes ao género com maior representação ou onde existe maior predominância de elementos de gangues juvenis.
6.2. Idade	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes à faixa etária ou idade específica dos elementos pertencentes a gangues juvenis.
6.3. Etnia	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes à etnia com maior predominância entre os elementos dos gangues juvenis.
6.4. Condição Social	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes à classe social pertencente dos elementos dos gangues juvenis.
6.5. Características Familiares	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes às características da fratria familiar, da dinâmica familiar e a representação da instituição família que pertencem os

	elementos dos gangues juvenis.
6.6. Caraterísticas da formação pessoal/ educação	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes à componente escola ou educação/formação que os elementos dos gangues juvenis puderam ter, ou como esta será caracterizada.
6.7. Caraterísticas pessoais	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes a caraterísticas pessoais dos elementos dos gangues juvenis, específicas e alvo de distinção.
7. Atividades delinquentes dos gangues juvenis	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes às atividades perpetradas pelos elementos dos gangues juvenis.
7.1. Objetivos das atividades delinquentes	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes ao objetivo/ alvo das atividades perpetradas pelos elementos dos gangues juvenis.
7.2. Tipos de atividades delinquentes	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes à tipologia das atividades perpetradas pelos elementos dos gangues juvenis.
8. Problemas relacionados com os gangues juvenis	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes a consequências evidenciadas devido à existência de gangues juvenis ou advertidas da existência destes.
8.1. Abuso físico e psicológico. Negligência pela família	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes a consequências para os jovens pertencentes a gangues juvenis ou a vítimas dos elementos dos gangues juvenis.
8.2. Fracas condições de vida em Portugal	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes a dificuldades possivelmente existentes consequentes das atividades dos gangues juvenis ou motivadoras para o aparecimento dos gangues juvenis.
8.3. Perturbação da comunidade e vandalismo	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes a consequência para a comunidade diretamente, sobre a forma perturbação da ordem pública ou para com estruturas físicas da comunidade.
8.4. Problemas com a justiça	Considera-se nesta categoria as unidades de registo referentes a contacto com a justiça devido a perpetração de atividades ilícitas ou crime com consequente contacto com órgãos da justiça.

AN
EX
O 3
-
Grel
ha
de
Cat
egor
ias

Cat
egor
ia 1

- Fundamentação da perspetiva pessoal sobre gangues juvenis

Subcategorias	Unidades de registo
<p>1.1. No que leio, no que vejo no dia-a-dia</p>	<p>"tenho lido muito sobre eles, agora cá em Portugal, desconheço, é assim, eu li aqui à tempos qualquer coisa, nos jornais, que afinal assumia-se agora publicamente a existência de gangues, porque até agora ninguém queria assumir a existência de gangues, passou-se a existe, existe, existe, sem sombra de dúvida que existe, que o existe,"PSP18</p> <p>"Na minha experiencia profissional, ahm, e daquilo que vou vendo em termos de notícias, enfim, sobretudo por aí, não é?"PJ4</p>
<p>1.2. Experiência Profissional</p>	<p>" eu fiz um trabalho sobre gangue, já em 2005"PJ25</p> <p>"eu estudei o manual dos gangues do FBI"PJ25</p> <p>"essencialmente na, na, ora bem na, porque grande parte da nossa, da nossa, da nossa, digamos, massa onde mostra indivíduos que praticam crimes tão... eu queria era falar da perspetiva, digamos profissional, daquilo que é a realidade com que a gente se repara"PSP10</p> <p>"Porque, pessoalmente não tenho qualquer experiência nesse sentido a não ser a que decorre do meu trabalho, não é?... Portanto é sobretudo no âmbito do trabalho que desenvolvi e desenvolvo e daquilo que vão sendo as notícias"PJ4</p> <p>" minha definição de gangue juvenil, ou pelo que eu... pela minha experiência"GNR3</p> <p>" Suporto principalmente com... a minha profissão. E que... com o que vejo, com o que leio e com o meu dia-a-dia."GNR1</p>
<p>1.3. Formação específica</p>	<p>" lá está, mais uma vez falando um bocado exterior da perspetiva mais académica e das comissões em termos da"PSP10</p> <p>"Aquilo que vai sendo as leituras que se fazem até no âmbito da minha formação em termos de estudos, académica, enfim! Decorre sobretudo daí."PJ4</p>

Categoria 2 – Definição de Gangue juvenil

Subcategorias		Unidades de registo	
2.1. Grupo	2.1.1. Idade dos membros do grupo	2.1.1.1. Só jovens	"gangues juvenis são um grupo de jovens que têm comportamentos desviantes em relação aos padrões normais da sociedade "GNR1", costuma ser um grupo de indivíduos"GNR3 " É praticamente um grupo de jovens que se juntam"GNR3 "É um grupo, é um grupo de, um grupo de indivíduos, um grupo de jovens que"PSP18 "Na minha perspetiva um gangue Juvenil é um grupo de jovens..."PJ4
		2.1.1.2. Jovens e adultos	"porque um gangue pode ser um grupo juvenil, como pode ser outro qualquer tipo de grupo independente da faixa etária... , indivíduos de 40 anos ou 50 anos, dependendo da perspetiva deles... de atuarem "GNR3 "Temos alguns gangues adultos, que até têm muitos elementos estrangeiros, mas, mas nós não temos muito ainda aquele gangue, que pronto, é o blusão de cabedal, e é marcado até à morte, isso ainda não é bem assim, mas possivelmente iremos progredir para este formato"PJ25
	2.1.2. Organização do grupo	2.1.2.1. Grupo organizado	"organizam-se de uma forma pouco estruturada, não tem rituais de iniciação tão estruturados não tem rituais de iniciação tão estruturados"PJ25 "isto Às vezes são uns processos um bocado, que não obedecem a nenhum mecanismo, pah tamos aqui, e agora fazemos isto, e depois tu tás e amanhã já não estás, isto não é assim tão a realidade portuguesa é assim"PSP10 "organizam-se de uma forma pouco estruturada"PJ25
		2.1.2.2. Grupo desorganizado	"os grupos não são, são heterogéneos, não são homogéneos, não são homogéneos em termos de características, nem no número de elementos, que colaboram nos actos, é variável."PJ25 - "eles na policia chamam-lhes as pedras rolantes, os gangues não são, os nossos gangues de jovens não são estanques, por tanto, têm é uma grande variabilidade de pessoas, eles quando são detidos, depois substituem por outros, e muitas das condutas antissociais, são, são cometidas de forma a, pronto, não são estes dois, mas hoje vamos nós os quatros"PJ25 "gangue não é formado do género de constituir uma sociedade comercial, ou uma sociedade, tem a forma de como constituir um gangue, aqui as relações entre eles, até são muito voláteis, e hoje podem ser confirmadas, amanhã podem não ser"PSP10

		<p>2.1.2.3. Grupo volátil</p>	<p>“os grupos não são, são heterogêneos, não são homogêneos, não são homogêneos em termos de características, nem no número de elementos, que colaboram nos atos, é variável.”PJ25</p> <p>“eles na policia chamam-lhes as pedras rolantes, os gangues não são, os nossos gangues de jovens não são estanques, por tanto, têm é uma grande variabilidade de pessoas, eles quando são detidos, depois substituem por outros, e muitas das condutas antissociais, são, são cometidas de forma a, pronto, não são estes dois, mas hoje vamos nós os quatros”PJ25</p> <p>“gangue não é formado do género de constituir uma sociedade comercial, ou uma sociedade, tem a forma de como constituir um gangue, aqui as relações entre eles, até são muito voláteis, e hoje podem ser confirmadas, amanhã podem não ser”PSP10</p>
<p>2.2. Território</p>		<p>“confinação de espaço partilhado, de uma determinada zona, e de um determinado território, que tem determinada identidade”PJ25</p> <p>“a nível de código penal acho que estamos a falar de dois indivíduos para fazer um gangue, acima de dois já é um gangue”PSP18</p> <p>"Epá, se temos 10 indivíduos, a trabalhar para o mesmo, que se juntam diariamente, com um único objetivo, Epá, isto é um gangue. Não é nada! Isto é um gangue, e à que se dizer que existe o gangue, existe este gangue, eles próprios, se assumem como gangue, a gente vai onde eles, onde eles param, e eles escrevem, gangue de não sei quê, gangue do formigueiro, gangue da lapa, lapa boys gang, epá, se eles o escrevem, se eles se assumem como gangue, se eles diariamente praticam, praticam os crimes, juntos como um gangue, porque é que a sociedade não há de aceitar que existe gangues"PSP10</p> <p>“são indivíduos que normalmente são, fácil se localizam, e que praticam imensos crimes”PSP10</p>	
<p>2.3. Identidade</p>	<p>2.3.1. Nome</p>	<p>“têm o sitio de referência, onde eles param, eles têm a marcazinha deles, criam depois os, os logotipos, criam a, um nome pó grupo, uma identificação para poderem, pa poder assinar, e é aí que se criam os gangues”PSP18</p> <p>"E como é que, nós chegamos ao ponto de ter um fenómeno, porque cada um depois tem a sua assinatura, a sua assinatura e tem uns modus operandis, chegamos ao ponto de, de um individuo ir, para um casa dessas, e passado uns meses, tamos a ter um foco desse tipo de crime, com essa assinatura"PSP18 “</p> <p>"o gangue do Lapa Boys, inclusive esses, tiveram, quiseram um, uma marca, uma identidade própria, através da questão dos grafitis, tinham tipo uma assinatura”PSP10</p> <p>"por exemplo os Lapa Boys, as paredes exteriores ao bairro, tem lá uma serie de grafitis, com sinais identificativos de, digamos assim, de assinatura deles, este território é nosso, isto são meros atos de vandalismo, não é? Mas não têm, lá está, mas há, é uma atividade que poderá ser preferida, em vez da execução de por exemplo de preferência pela autoridade, não é?”PSP10</p> <p>"eles têm uma certa, têm sem dúvida uma identidade, atá na própria maneira de ser, de vestir, etc., que os caracteriza, mas as coisas não são assim tão, tão lineares, tão rigorosas, não é? Fiquem com</p>	

		esta ideia, isto é um aparte para vocês. É um bocado, ahm. Por acaso o Lapa Boys é engraçado, porque vocês podem tirar fotografias, a alguns grafitis, nos bastos gangues e não sei quê, tão lá sinais identificativos" PSP10
	2.3.2. Regras próprias	<p>"os gangue têm uma linguagem própria, têm códigos de honra próprios" PJ25</p> <p>"têm regras entre eles e um individuo que seja apanhado a fazer um ilícito, prefere responder por todos os ilícitos do gangue, do que dizer com quem está, para não ser conhecido como o chamado chibo... ou o bufo... e há outras zonas, onde eu inclusivamente já cheguei a estar, com gangues, onde eles praticavam ilícitos propositadamente para poderem entrar no gangue, porque quem não tivesse entrar no gangues. Porque quem não tivesse ficha criminal não podia entrar." GNR3</p> <p>"as regras deles nada têm a ver com as regras da sociedade num é? São regras viradas para o grupo, basicamente que têm que obedecer, têm que fazer aquilo que tem que ser feito e que é ditado pelo líder deles... Vivem em completa anarquia em relação à sociedade. As regras são feitas com eles e para eles, mais nada.." GNR1</p>
	2.3.3. Estrutura	2.3.3.1. Número de elementos
		<p>"portanto, basta um dos espaços públicos, à gangues que não se, não usam os espaços públicos, que usam a casa de um só, a garagem de um, públicos, porque vão a espaços públicos, ahm, desenvolvendo atividades" PSP18</p> <p>"Os três ou mais indivíduos talvez faça sentido até porque vai até de encontro a uma definição legal daquilo que é a prática do crime de associação criminosa portanto e, acho que esta definição é um bocadinho colada àquilo que está previsto precisamente no código penal para associação criminosa não é?" PJ4</p> <p>" É assim, antigamente num gangue, para ai, com 10 elementos, não se via nenhuma mulher, anteriormente já se começa a ver... posteriormente começou-se a ver 2,3 raparigas lá no meio, hoje em dia, eu acho que cerca de 40%, 50% do gangue, já, já pode considerar." GNR3</p>

		<p>2.3.3.2. Hierarquia / líder</p>	<p>“há os elementos que são o núcleo duro, que são aqueles que estão associados e que, e depois temos os que são angariados, e esses miúdos passam por processo de pertença que vão sendo aceites, que vão ser reconhecidos progressivamente, vão sendo socializados como nós... os indivíduos no grupo têm um diferente estatuto, e formam-se inconsciente, mas ele existe, se nós falarmos com eles, eles, eles conseguem identificar, como é que cada um deles se dá, o que é que cada um deles representa naquele grupo”PJ25</p> <p>“se você me perguntasse se o líder era o mais velho, era falso, geralmente era miúdos de 16, 17, 18 anos que eram o líder do grupo”PJ25</p> <p>“tinham um líder, um gangue tem sempre que ter um líder, sempre, sempre, o líder é sempre o, o mais atrevido, o mais atrevido do grupo, é sempre o líder, é o que vai à frente, é o que dá a cara, é o que os motiva, pá, se o líder disser, vamos lá que nós vamos assaltar dois cafés, eles assaltam dois cafés, se o líder não puder ir, eles não vão por eles não sabem se quer fazer aquilo sozinhos...”PSP18</p> <p>“Concordo com a ideia do líder embora é assim não tenha que ser forçosamente sempre o mesmo em todo o tempo. Ahm, a ideia que eu tenho é que eles vão assumindo, ahm, esse papel, ahm, em função um pouco do grupo, da própria prática de, de atividades não é? Portanto é assim, hum, sempre o mesmo líder questiono, mas alguém de referencia sim, sim!”PJ4</p> <p>"Portanto, aliás, uma delas na minha perspetiva daquilo que eu vi até quase teria o papel de líder do grupo, portanto teriam algum papel muito, muito preponderante no grupo em questão... Aparentemente surgem na retaguarda como a namorada do líder, ou a namorada dum principal, mas quando, se formas a estudar bem qual é a realidade do grupo às tantas o papel principal esta alí e não no rapaz que aparentemente lidera. "PJ4</p> <p>"têm que ter um líder, alguém que os norteie, depois têm sempre... têm um líder e...Exato! Tem que ter um líder" GNR1</p>
--	--	---	--

	2.3.4. Rituais de iniciação		“não tem rituais de iniciação tão estruturados”PJ25
2.4. Comportamento	2.4.1. Atividades delinquentes/ Antissociais/ violentas		“Eu acho que a maior parte, sobretudo aqui na nossa realidade, que eles ainda sendo, por assim dizer mansos, não é? E, não temos assim pelo menos, por aí além, acho eu, ou estou muito enganada e não estou a ver bem a nossa realidade, principalmente porto, não é? Faço, faço questão de centrar, de fazer estas diferenças porque acho que ela faz todo sentido.”PJ4
			“... É o que eles fazem, só menos, são dedicados à ilicitude, só mesmo À delinquência...”PSP18 “que fazem o seu modo de vida, digamos, a prática de, de atividades, pronto, delinquentes, índices criminais”PSP10 "tamos a falar da atividade ilícita, delinquente, criminosa, eles, neste momento, poderia dizer que sim"PSP10 "muitas das vezes apanho a fazer actos a fazer actos ilícitos, apanhamos um ou outro membro do gangues"GNR3 "Concordo porque geralmente são jovens que fazem, praticam delinquência em grupo, porque isoladamente não fazem nada "GNR1
			“e comportamentos também antissociais ou desviantes, conforme se diz na psicologia”PSP10
			“tem comportamentos menos violentos”PJ25 “mas há gangues que não são violentos, depende, depende um bocadinho da sua área de atuação” PJ25 “e nem todos os miúdos...que andam, andaram com o gangue atingiram determinado tipo de patamares de comportamentos criminais, temos que fazer essa distinção”PJ25
	2.4.2Confronto/Oposição/Provação		“acima de tudo o gangue tem que desafiar constantemente a autoridade, tem que desafiar, um dos seus grandes objetivos é o desafiar, ahm, desafiar a autoridade, é, aliás é, é, os maiores trofeus deles é quando conseguem, o, desafiar a autoridade, e saírem de lá como vencedores”PSP18 “, eles emergem realmente daí, após não, há os primeiros conflitos na escola, que se dão com, são crianças conflituosas, porque já vêm, já são conflituosas à nascença, aquilo já é genético, ahm, entretanto chega a altura que começam a pensar um bocadinho pela cabeça deles, em vez de pensar pelo lado correto não, enveredam sempre por esta via, enveredam sempre por esta vida para, e nasce daí, começa os problemas, eu confio neste gajo, por confiar nele, daí à ilicitude, é um passo, é um passo é um passo, porque depois é como lhe disse na fase”PSP18

Categoria 3 - Formação dos Gangues Juvenis

Subcategoria	Unidade de Registo
3.1. Dimensão Social	3.1.1. Formam-se devido ao contexto social e económico problemático <p>“é um problema, bairros sociais com, não é por serem pobres, é porque têm a ver com a dificuldade, de, de se inserirem socialmente”PJ25</p> <p>“outras comunidades que não dominam a linguagem, a língua que, que cujo os pais não estão tão bem inseridos, têm, é o problema de, de, da dificuldade de se inserirem socialmente, obviamente que esses grupos têm mais risco”PJ25</p> <p>“é um fenómeno que tem muito a haver com a discriminação social e com a dificuldade de inserção social”PJ25</p> <p>“obviamente que os gangues surgem em alturas em que socialmente surgem mais problemas, nós estamos a viver uma conjuntura difícil, em que isto vai arrebeitar um bocadinho mais, não é? Em que há uma maior produção deste tipo de conduta.”PJ25</p> <p>“Epá depois, agora isto de os gangues surgem num contexto sobre de conflito de uma comunidade, Epá pode, existe, existe, existe, vamos, vamos, aproveitar para,”PSP18</p> <p>“Agora, naturalmente que há conflitos... há conflitos entre... então quando está... nós temos muito o estereótipo do bairro social e de facto é flagrante, não é?”PJ4</p> <p>"Para mim, o principal vetor da função dos gangues é o ambiente em que as crianças nascem e crescem. Hum... Basicamente se uma criança nascer num bairro problemático, normalmente tem 90% de ser uma criança problemática"GNR1</p>
3.2. Dimensão Territorial	3.2.1 Formam-se na escola <p>“Os gangues, os gangues formam-se através de, é assim são, a meu ver começam, começam, os problemas na escola, eles começam os problemas na escola, eles começam na escola, tipo escola, preparatória, 7, 8, 9 anos, 9 ano começa embora a mãe, a maior parte não chega se quer ao 9 ano, ficam-se muito por ali no 5, 6, 7 ano, de escolaridade”PSP18</p> <p>“eu confiei naquele gajo para isto, quando eu precisei na escola, o outro gajo fez-se à minha namorada ele foi lá e eu confiei nele”PSP18</p> 3.2.2 Formam-se por residirem juntos <p>“fortuitamente as pessoas lá, lá se cruzam, ou por residirem no mesmo, numa área geográfica parecida ou por frequentarem o mesmo tipo de estabelecimento, nomeadamente o de ensino, e a partir de aí, presumo eu, que fruto de... é... eu, eu sou, sou, eu luto muito contra os estereótipos e a história da exclusão e é disso que sai...”PJ4</p>
3.3. Dimensão Relacional	3.3.1 Falta de vínculo, conflito com sociedade, reação ao contexto social <p>"comum haver esta divergência de conflito com a sociedade não é”PJ25</p>

	3.3.2 Conflitos entre grupos	<p>"ali começa com, o problema com as namoradas, os problemas com as namoradas, as rivalidades, dessas rivalidades entre eles, provenientes das namoradas, vem depois os acertos de contas, Epá tu não sei quê, fizeste-te à minha namorada, piscaste o olho, e não sei quê. Toca a chamar os amigos, chama os amigos, começa, começam, começa os conflitos, começa os conflitos começa-se a criar grupos" PSP18</p> <p>"Se há um grupo de adolescentes enquadrado num âmbito de num gangue, seguramente que há outro, não é? Que faz rivalidade e enfim, isso só gera ainda mais, mais situações complicadas, naturalmente que sim" PJ4</p>
	3.3.3. Mais-valia pessoal	<p>"o gangue forma-se de um grande confiança entre eles, tem que haver uma forte uma grande confiança entre eles, e realmente" PSP18</p>
	3.3.4. Andarem juntos	<p>" acho que os três mês é um espaço temporal que... não está certo, pode ser um grupo que já esteja a encontrar apenas à um mês e já tenham formado um gangue, depende da frequência com que estejam juntos, porque três meses, que se estejam juntos duas vezes por semana daria uma média de... de 12, 12 vezes que o gangue se juntava e no entanto se num mês se tiverem todos juntos, todos, todos os dias teriam mais horas de convivências por isso acho que o espaço temporal não estar... não está... não se pode definir pelo espaço de temporal" GNR3</p>
	3.3.5. Formam-se pela diversão, pela socialização	<p>"Socialização do ponto de vista de substituição do contexto familiar ou o contexto social que o jovem não se enquadra porque o jovem não é bom na escola, porque não é bom em nada, então insere-se naquele grupo que do ponto de vista cultural, mas é também é o espaço que eles se encontram para partilhar experiências desviantes"; "sabemos que na adolescência a relação com a produção de condutas antissociais é grande e por tanto, o gangue pode ser um espaço facilitador dessa partilha desse tipo de experiências" PJ25</p> <p>" e os filhos estão na rua começam a meter-se com más companhias, começam a se juntar com essas más companhias, não têm educação, não têm os valores inculcados, não têm quem lhes preste atenção, e então começam simplesmente por, por o belo prazer de andar com os amigos e tornam-se bonito, é mais bonito perante um grupo partir um vidro, do que estar a ajudar uma velhinha a atravessar a estrada." GNR3</p> <p>"... maior parte dos gangues ao principio, quando são formado é por diversão depois passam comportamentos violência" GNR3</p> <p>" se querem dinheiro para ir para a discoteca, ao fim-de-semana para ir a um bar, e não o têm, arranjam maneira de, de o arranjar, da maneira mais ilícita que há, porque torna-se mais facil assaltar uma velhinha e roubar-lhe 100 euros do que trabalhar durante uma semana para terem os 100 euros... e andam nessa vida..." GNR3</p>
	3.3.6. Formam-se pela desocupação	<p>"daí para a frente, são pessoas que não tem qualquer tipo de ocupação, não, não trabalham não estudam, mesmo a nível de caso, internet e isto, isto não lhes diz grande coisa, eles o que lhes diz é sair de casa e estar com os amigos, a musica" PSP18</p>

Categoria 4 - Motivação para formação dos gangues juvenis

Subcategoria		Unidade de Registo
4.1. Motivação psicológica		“algumas motivações são cognitivas claramente, ou seja, tem haver com ganhos, outras têm a haver com a criação de um espaço e identidade, eu acho que é um pouco isso.” PJ25
4.2. Procura de bens materiais	4.2.1. Para adquirirem bens materiais e dinheiro	<p>“ter acesso a bens materiais mais facilmente isso é muito importante para os adolescentes”PJ25</p> <p>"eles juntam-se, depois têm, ahm, epá têm que adquirir aqueles bens, têm que adquirir telemóveis, têm que adquirir roupas, roupas atuais, roupas de marca, calçado de marca, coisas que saltam à vista, que faça com que eles se identifiquem, no próprio gangue não é? Ahm, e dai partem, partem para a criminalidade para terem possibilidade de adquirirem esses fins" PSP18</p> <p>“é o poder ter bens, é poder ter os bens que eles têm”PSP18</p> <p>“o objetivo é ter o que os outros têm, porque eles costuma ostentar, Epá, boas roupas da moda, bons calçado desportivo, bons telemóveis, ostentam aquilo, e assim de tudo, eu acho que é isso, é poder ter o que os outros têm, como não ha possibilidades dentro de casa, não há, não há possibilidades na família de, de ter isso, pá, deixa-me juntar a eles, eu se me juntar a eles, vou ter aquilo que eles têm, acima de tudo vou por ai, acho que é isso mesmo.”PSP18</p> <p>“porque às vezes os três meses podem ser-se converter, só, digamos, na execução de algumas atividades, pronto, isoladas, como podem esses três meses podem se prolongar por mais, por mais tempo, além destes três meses”PSP10</p> <p>"... consumismo, consumismo faz com que hoje em dia, os jovens vêm uma "playstation", querem uma "playstation", mas não querem trabalhar para tê-la, querem ter a "playstation", então é mais fácil juntarem-se e roubarem uma, juntarem-se entre eles e... a..."GNR3</p> <p>"E depois pelo consumismo de... que a sociedade cria hoje em dia, porque os jovens, qualquer jovem não tem dinheiro para ter um bom telemóvel, para ter boas roupas, e eles basicamente partem desse principio para se desculparem dos atos que praticam "GNR1</p>

	4.2.2. Para adquirirem drogas	<p>"muitos deles têm toxicodependência no meio, que leve aos comportamentos violentos, que leva aos furtos, ou simplesmente, e por que muitas das vezes acham divertido se fazer isso, acham divertido fumar, como eu costume dizer, fumar uma brocas, mas para fumar umas brocas é preciso dinheiro"GNR3</p> <p>" Também movidos, muitas vezes, por álcool e droga. São também um factor importante "GNR1</p> <p>" E hoje em dia muitas também vão, aparecem nos gangues, mesmo por causa da droga e do álcool. Principalmente do álcool. As miúdas estão a beber muito... muito mesmo."GNR1</p>
	4.2.3. Porque trabalho não lhes garante dinheiro rapidamente	<p>" Quanto ao trabalho... o trabalho se calhar não lhes vai dar rapidamente aquilo que eles querem conseguir, não é? São bens materiais caros, e motas e drogas, e boas roupas... com certeza que depois se não tiveste, se não estudaste, não vais ter um bom trabalho, vais ter que te sujeitar ao que te aparecer, não é? "GNR1</p>
4.3. Procura de Estatuto/Identidade/Poder	4.3.1. Para adquirirem poder/força	<p>“um grupo que é respeitado porque é um grupo com determinado grupo de poder”PJ25</p> <p>“tem a haver com uma forma de sucesso, de integração do sucesso, do sucesso que pode ser, um sucesso de porque é reconhecido por pertencer a um grupo difícil, um grupo que é respeitado porque é um grupo com determinado grupo de poder”PJ25</p> <p>“eu acho que acima de tudo, é o, é o poder.”PSP18</p> <p>" A projeção no grupo, não é? Quer dizer, é o domínio! Sobretudo isso, num é? Quer dizer, e o conseguirem fazer, atingir os seus objetivos, às tantas pessoalmente tinham determinados objetivos que não conseguiriam atingir se não fosse dentro daquele grupo e com a ajuda e colaboração daquele grupo, não é?... Elas serem reconhecidas na comunidade não pelo bom mas pelo mau... "PJ4</p>

	<p>4.3.2. Para se afirmarem/ reconhecimento/ protagonismo</p>	<p>“não conseguem obter sucesso em nada, o gangue é uma forma de sucesso, de integração, e é também uma forma de afirmação, de faixa etária, verdade é que nós temos miudos e que estão nos gangues até aos 17e 19 anos... a um determinado, determinado, referencial de sucesso, tem haver com uma forma de sucesso, de integração do sucesso, do sucesso que pode ser, um sucesso de porque é reconhecido por pertencer a um grupo difícil”PJ25</p> <p>“A motivação é o protagonismo, não é? É o querer estar bem, ficar bem, portanto. É o, a perspetiva do eu sou o maior, faço parte...”PJ4</p> <p>" Mas é uma forma de serem reconhecidas não é? É um " <i>reallity show</i>", é uma forma de elas ganharem fama e serem de alguma forma respeitadas, temidas, não é? E isto coloca-as numa posição que lhes agrada muito provavelmente, não é?"PJ4</p> <p>" acontece muitas vezes os jovens estarem com cães de raças perigosas, sem açaimes, sem... para intimidar as pessoas "GNR1</p>
	<p>4.3.3. Questões de identidade e identificação/ sentimento de pertença</p>	<p>“Temos jovens que querem criar a sua própria identidade, e que portanto se agrupam por, por essa partilha e porque partilham outra tipo de particularidades, que sociais, quer familiares, quer até adversidades a nível da sua integração social, que faz com que eles se aproximem, e que criem uma determinada atividade grupal e que pratiquem... e, e partilhem determinado tipo de práticas do quotidiano, o grupo, o gangue forma-se precisamente desta partilha social, de um mesmo espaço, de uma linguagem, de uma forma de vestir, de musica, de determinada cultura, eu tenho uma cultura própria, a cultura da rua, é uma forma de cultura urbana, está muito associada à componente urbana, mas eles partilham a filosofia hip hop, que reflete na musica, na dança,”PJ25</p> <p>“podem surgir com base nas relações de amizade, por exemplo, ou da própria interação social”PSP10</p> <p>“E entre pares, porque são pessoas que às tantas, em termos de convicções e daquilo que gostam de fazer, ahm, têm, identificam-se muito nessas ideias, nessas nesse tipo de ideais,”PJ4</p>

Categoria 5 - Contextualização do fenómeno em Portugal

Subcategoria		Unidade de Registo
5. 1. Existência do fenómeno	5.1.1. Sim, existe	<p>“Acho que sim. Acho que sim”; “” PJ25</p> <p>“Eu acho, é que se calhar, nós não temos é um modelo de criminalidade tão violenta, é a minha opinião”PJ25</p> <p>“eu já trabalhei, pelo menos três gangues, fortes, fortes, fortes aqui do Norte”PSP18</p> <p>"existem sim senhora"PSP18</p> <p>“Existem, existem, tanto que existem, que eles são identificados como tal, e digamos, na, na, na, na alçada da justiça foram alguns gangues identificados, julgados por autoridades criminais, levados em função disso, que existem, existem”PSP10</p> <p>“É assim, há grupos que se dedicam de facto aí a atividades que poderíamos configurar como, como gangue... eu vinco isto porque eu acho que Lisboa é completamente diferente e acho que ali os bairros sociais têm, de facto, sem dúvida nenhuma gangues, ahm, devidamente estruturados, com, com uma atuação sistemática, acho que aí é completamente diferente!”PJ4</p> <p>"A existe... existe... e não são tão poucos quanto isso basta, basta ir a página do “Youtube” e meter a palavra gangue, ou gangue Portugal... ou gangues portuguesas, simplesmente e parece um monte deles, porque eles ainda se dão ao desprazer de filmarem e meter na net A... existem, existem gangues..."GNR3</p> <p>"Em pequena escala ainda, mas acho que existe..."GNR1</p>
	5.1.2. Não, não existe	
	5.1.3. Existe grupos de jovens, mas que não são gangues	<p>“embora em Portugal eu tenha algumas dúvidas que tenhamos grupos que efetivamente cumpram todos os critérios que possam existir numa definição oficial por assim dizer.”PJ4</p>
	5.1.4. São as instituições judiciárias que rotulam os grupos de gangues	<p>“mas que existem gangues, lá está, podem ser às vezes conotados como gangue, devido a uma certa ênfase que há na comunicação social, pelas próprias polícias, mas, mas também, mas também existem, nomeadamente, digamos, temos a falar de micro grupos de jovens associados a atividades de bairros sociais, do género, das tais, áreas desfavorecidas”PSP10</p>

5.2. Extensão do fenómeno	5.2.1. Grande escala	" elevada mesmo, elevada,"PSP18
	5.2.2. Pequena escala	<p>“a falar de micro grupos de jovens associados a atividades de bairros sociais, do género, das tais, áreas desfavorecidas”PSP10</p> <p>"Em pequena escala ... Se calhar em pequena escala, não muito numerosos, mas existem,"GNR1</p>
5.3. Tipos de gangues	5.3.1. Diferentes tipos de gangues	<p>“Existem vários tipos de gangues, lá está, cada qual com um, prontos, com motivações associadas às suas atividades”PSP10</p> <p>“É assim, na generalidade sim! Se formos atender à definição mais genérica possível... Apenas um, sim. Agora se formos considerar... ter em atenção, ahm, todos os elementos constitutivos aí talvez consigamos estabelecer subgrupos, subtipos. Eu acredito que sim.”PJ4</p>
	5.3.2. Gangue de diferentes classes sociais	<p>"Não, há vários tipos de gangues, há vários tipos de gangues, cada um com, com o seu objetivo, cada um com o seu objetivo mesmo, mas há vários tipos de gangue"PSP18</p> <p>" esses individuos pertencem essencialmente a uma classe social elevada, fazem simplesmente porque o gangue não se dá pa furtos, enquanto que um grupo de pratica qualquer tipo de ilícito repetitivamente, e `há alguns que não... que pertencem a um classe económica elevada, há outros que pertencem a uma classe social baixa... o chamado rendimento minimo, chamado vulgarmente o rendimento minimo, que simplesmente que..."GNR3"são normalmente oriundo de famílias com baixos recursos económicos, que não podem, que não conseguem sustentar os vícios"PSP18</p> <p>" São oriundos de bairros sociais, de bairros sociais"PSP18</p> <p>“associados a atividades de bairros sociais, do género, das tais, áreas desfavorecidas.”PSP10</p> <p>"Às vezes se calhar da classe média, da chamada classe média alta, talvez nasçam outro tipo de gangues, mas se calhar mais elaborados, mais preparados e que não provoquem tanta violência, mas que normalmente é uma imitação dos gangues principais. Penso que é isso que acontece."GNR1</p>
	5.3.3. Gangues - claques de futebol	"as claques, exatamente, também, também executam tarefas em, conjunta, procuram procurar uma certa identidade e que lá está, o desempenho das suas atividades, por um sentido de afirmação, eles quase que sentem, não é uma necessidade, mas uma obrigação de realizar, esses atos delinquentes, e uma coisa delas é enfrentar, é enfrentar o sistema, lá está, enfrentar o sistema, tentar as próprias instancias de controlo, particularmente o caso da policia, porque um individuo que não enfrenta a policia, se calhar é cobardolas é, marginalizado e não tem lugar naquele grupo. Se enfrentar, e se sujeitar a consequência também é, também porque foi corajoso e tá ali. Mas os gangues, aliás, as claques de futebol, podem, se enquadrar perfeitamente no, e associar-se às atividades dos gangues, embora, se, o que particularizar aqueles que se calhar, esta atividade é só desenvolvida no momento do jogo, antes do jogo e pós jogo, isto está aqui circunscrita, aquele, está circunscrita aquele movimento, daquelas pessoas, daquela circunstancias, que rodeia a prática do fenómeno desportivo. Porque, lá está, mal acaba o jogo, durante a semana, eles podem integrar outros gangues, ou o tal espaço, ou pertencer ao grupo, lá

		<p>da zona deles, do bairro deles, mas não fazem, porque são dos Super Drações, ou porque, é um bocado isso..."PSP10</p> <p>"existem gangues mais poderosos, que eu penso que saem a partir das claques de futebol. Que não dão tão... como estão integrados em claques de futebol, não dão aquela aparência de serem gangues organizados, mas eu acho que as claques de futebol em Portugal, são... são... locais, não é? Zonas, onde se trafica muita droga, muito tabaco... hum... fazem-se coisas..."GNR1</p>
	5.3.4. Nomeações de gangues	<p>"tal gangue de Valbom" PSP10</p> <p>"um dos gangues era o gangue do Formigueiro" PSP18</p> <p>"gangue do Minho" PSP10</p> <p>"contacto direto com, por razões profissionais, com o gangue da ribeira" PSP10</p> <p>"o gangue da Ribeira" PSP10</p> <p>"com o gangue Lapa Boys,..." PSP10</p> <p>"o gangue do Lapa Boys" PSP10</p> <p>"que era, mas o, que eram indivíduos muito próximos do Porto, que eram relacionados com o, com as casas de diversão noturna, mas o forte mesmo é o, é nas cidades, é, é" PSP18</p>
5.4. Distribuição do fenómeno	5.4.1. Grandes cidades	<p>"É nas grandes cidades, Porto, Porto e Lisboa. É Porto e Lisboa, é onde tem mais, é onde tem mais." PSP18</p> <p>"eu creio que a área metropolitana de Lisboa, Setúbal, e principalmente o Algarve, que tem mais, prontos, eu digo as, seguramente as áreas metropolitanas, porque são mais propicias a isso, devido ao elevado número de pessoas, não é?" PSP10</p>
	5.4.2. Porto	<p>"mas e você vier a cidade do Porto, também existem grupos e eles, são muitas vezes de cá, não se faz só de estrangeiros não é?" PJ25</p> <p>" eu já trabalhei, pelo menos três gangues, fortes, fortes, fortes aqui do Norte" PSP18</p> <p>"um gangue que atuava só em zonas públicas que, de diversão noturna, foram intercetados aqui no Porto" PSP18,</p> <p>" na área metropolitana do Porto, foi, determinados grupos de jovens, associados a determinadas zonas, a determinadas características geográficas, que se auto, digamos, uniram, auto promoveram, e pronto, começaram a desencadear, prática criminal, sem dúvida" PSP10</p> <p>"a área oriental do Porto, será a mais, muito mais, muito mais evidente, isso, prontos, a constatação desses gangues, seguramente, mas não quer dizer que, por exemplo, nos outros bairros sociais, desde a pasteleira, ao lagarteiro, aleixo, não ahm, não, não existam, existam seguramente pessoas que, que prontos, esses gangues que fazem, fazem os tais crimes." PSP10</p> <p>"Aqui no porto, daquilo que é do meu conhecimento, ahm, tenho reservas em afirmar que existam gangues constituídos de facto de forma estruturada. Mais por aí..." PJ25</p> <p>"Aqui na região do grande Porto" GNR1</p>

	5.4.3. Lisboa	<p>“você têm na grande cidade de Lisboa”PJ25</p> <p>“eu creio que a área metropolitana de Lisboa”PSP10</p> <p>“eu vinco isto porque eu acho que lisboa é completamente diferente e acho que ali os bairros sociais têm, de facto, sem dúvida nenhuma gangues, ahm, devidamente estruturados, com, com uma atuação sistemática, acho que aí é completamente diferente!”PJ4</p> <p>" mesmo dentro disto temos que distinguir Porto de Lisboa, porque Lisboa sim, já vai muito mais além. Mas nós não nos podemos esquecer que Lisboa já tem em termos de heterogeneidade de comunidade muito mais pessoas, nacionalidades muito diversas, em termos culturais com uma tradição completamente diferente, portanto é assim, ahm, Lisboa ainda é Portugal? Não é? Quer dizer..."PJ4</p> <p>" assim, a zona de Lisboa... Sul de Lisboa, Setúbal, a zona de Setúbal, zona de Cacilhas... Fonte da Telha... Aquela periferia ali, acho que é uma zona muito problemática... Acho que estão concentrados mais nessas zonas, e... e... tou a falar de delinquência juvenil... Grandes centros e..."GNR1</p>
	5.4.4. Periferia das grandes cidades	<p>"Não no centro das cidades, nos arredores, nos dormitórios, nos dormitórios é, é, é assim passam, são pessoas que não trabalham, não estudam, pá juntam-se sempre a alguém, juntam-se a alguém, e é muito mais fácil partirem para isso, criarem uns grupos e os gangues, os centros da cidade a bem dizer, pa habitação tão mortos, tão direcionados pouco, pouco lugar, quer para o comercio, quer para outra coisa, e é nos arredores da cidade, mas Lisboa e Porto, Lisboa e Porto é onde produzem em massa, em massa sim, estes grupos de gangues"PSP18</p> <p>“... As periféricas de Lisboa, naturalmente que sim! Tudo aquilo que são aglomerados habitacionais, em que a maior parte, ahm, lá vamos ao estereótipo, não é? Em que a maior parte das pessoas da comunidade que la vive são pessoas sem emprego, com famílias disfuncionais, acredito que sim, que faça todo o sentido estarem mais imple... da nossa perspectiva estarem mais implementados lá, não é? Quer-se dizer... E eu acho que as próprias pessoas, as próprias comunidades reconhecem isso! Acho que sim!”PJ4</p> <p>" A maior concentração dos gangues, costumam estar nas grandes cidades, junto as metrópoles, e principalmente na zona litoral, que a zona mais populacional... , numa cidades poucos se conhecem, há muita oferta de bens, muita... faz com que eles queiram ter muita coisa que não podem ter, há... há guetos, foram chamados guetos que se juntas para ocupar os tempos livres "GNR3</p> <p>" assim, a zona de Lisboa... Sul de Lisboa, Setúbal, a zona de Setúbal, zona de Cacilhas... Fonte da Telha... Aquela periferia ali, acho que é uma zona muito problemática... Acho que estão concentrados mais nessas zonas, e... e... tou a falar de delinquência juvenil... Grandes centros e..."GNR1</p>
	5.4.5. Bairros sociais problemáticos	<p>" São oriundos de bairros sociais,"PSP18</p> <p>"em quase todos os bairros problemáticos, Cerco, Lagarteiro... que mais... existem</p>

		ganguês.."GNR1
	5.4.6. Ilhas dos Açores/ Madeira	"temos é nos Açores alguns desses repatriados, que vieram dos Estados Unidos, que têm esse referencial, que é assim um referencial assim da pesada também, tráfico de droga, tráfico de mulheres, e mais não sei que"PJ25

Categoria 6 - Características dos membros dos gangues juvenis

Subcategorias		Unidade de Registo
6.1. Sexo	6.1.1. Masculino	"Mais rapazes do que raparigas"GNR1
	6.1.2. Começam a aparecer raparigas	<p>"O género é pouco frequente, as raparigas,...mas é pouco frequente"PJ25</p> <p>"poucas raparigas, as raparigas aparecem mais, mais no roubo sozinhas, são geralmente toxicodependentes e usavam mais o modo dos semáforos e assim, não tanto em grupo, e são mais as raparigas com a dependência de drogas, é um fenómeno diferente"PJ25</p> <p>" É mínima, é mínima, muito muito reduzida, muito reduzida, e ai está, por ai vai se chegando ao, o, ao gangue, a rapariga esta, quando se junta ao gangue, normalmente é namorada do elemento que lá está, que lá está, que se junta. Raramente têm um papel ativo, ou operacional, estão juntos, desde ó pá nós vamos assaltar este, e as nossas miúdas ficam todas, ou vão para o café, ou ficam, ficam, aqui em casa ou na garagem ou isso, agora raparigas com um papel ativo, ai é mesmo muito muito, é um número reduzido mesmo. Se quer que lhe diga, até hoje conheço uma só, aliás, era ela que determinava o que eles faziam, e como o haviam de fazer, conheço uma."PSP18</p> <p>" sim, há uns anos atras só se via homens, neste momento vesse homens... tanto homens como mulheres, vesse tanto homens como mulheres, e dá-me impressão que foram introduzidas, de propositadamente para não chamarem a atenção porque se se vir um veiculo, à noite, às tantas horas, com quatro individuos lá dentro, a... torna-se um bocado suspeito, se esse veiculo andar de vagarito, ou tiver parado, torna-se um bocado suspeito, se se vir dois casais dentro do veiculo, já não se... torna tão suspeito. E ultimamente são utilizadas muitas mulheres, também, por isso acho que, acho que a logita dentro dos gangues também estão a conseguir o direito de igualdade."GNR3</p> <p>"Mais homens, sem dúvidas. Mas já começam a aparecer mais mulheres, levadas se calhar pelo poder que esses gangues transmitem e na sua própria comunidade sentem-se mais fortes, mais seguras."GNR1</p>
	6.1.3. Ambos os sexos	Múltiplos referem, mas de forma mais específica para os dois géneros "GNR1/GNR3/PSP
6.2. Idade	6.2.1. Jovens até 18/20 anos	"Aos 11 e 12 anos, nós temos muitos miúdos com este percurso, que começam assim. E fazem os primeiros trabalhos, entre aspas, como eles dizem, aos 12/13 anos"PJ25

	<p>6.2.2. Jovens dos 13/14 aos 20/25</p>	<p>“verdade é que nós temos miúdos e que estão nos gangues até aos 17e 19 anos”PJ25</p> <p>“Os grupos são mistos em termos de faixa etária, os grupos que eu, que eu conheci, do estudo que fizemos, tinham grupos que tinham indivíduos dos 13 anos, até aos 23, 24, 25 anos”PJ25</p> <p>"idades entre os, os, 14, entre os 14 e os 25 anos"PSP18</p> <p>“poderei situar em termos de faixa etária, sensivelmente entre os 12 e os 18 anos... localizados ahm, mais uma vez dentro, nessa faixa etária, com especial prevalência entre os 15 e os 17... vejamos de facto é, e indivíduos, entre os 14 aos 17 anos, fazem o corpo, digamos, mais, que integram mais essa, digamos, essa definição que vocês procuram do tal gangue”PSP10</p> <p>“na minha perspetiva as idades, isto compreenderá, dependendo do local mas a partir dos 10, 11 anos aí até aos 17, 18, será, na minha perspetiva, a faixa etária que mais elementos fornece para este tipo de ambiente, chamemos-lhe assim”PJ4</p> <p>"os 14 e os 30 anos... entre os 14 e 30 anos que se juntam"GNR3</p> <p>"jovens mais novos com menos de 16 anos, porque a maior parte desses jovem são entregues à família, e os mais velhos é que..."GNR1</p>
	<p>6.2.3. Líder mais velho/ Jovem adulto</p>	<p>"um líder mais velho, entre os 18 e 20 anos e "GNR1</p>
	<p>6.2.4. Gangue de adultos</p>	<p>“mas temos alguns grupos, mais de adultos, mais especializados, não é? Os assaltos às bombas e não sei o quê, por tanto e às carrinhas de valores, que é uma coisa mais estruturada, mais isso”PJ25</p>
<p>6.3. Etnia</p>	<p>6.3.1. Gangues com etnias diferentes por região geográfica</p>	<p>“Temos alguns gangues adultos, que até têm muitos elementos estrangeiros, mas, mas nós não temos muito ainda aquele gangue, que pronto, é o blusão de cabedal, e é marcado até à morte, isso ainda não é bem assim, mas possivelmente iremos progredir para este formato”PJ25</p> <p>“em muitas determinadas zonas, está associado aos emigrantes, e noutras zonas nem por isso, acho que é um fenómeno que se sente mais na componente urbana”PJ25</p> <p>“temos grupos mistos com, negros, indivíduos com nacionalidade portuguesa e ciganos, alguns brasileiros, essa era a mescla do tecido, do, da, dos grupos que nós apresentamos”PJ25</p> <p>"é outra característica em Lisboa, os gangues são mais indivíduos de raça negra, enquanto aqui não, embora, embora o, o, o Porto está a ser inundado por indivíduos de raça negra, e já estamos a ver, e já começamos a ver esse fenómeno, os grupos, os grupos de indivíduos de raça negra roubam sozinhos, não escolhem brancos para andarem com eles, Epá, eu sou preto e só ando com pretos, com pretos a roubar, não andam cá brancos, os brancos é a mesma coisa, não escolhem os pretos para andarem no meio deles, os de raça branca não andam com a raça negra, e, e vice versa. Mas em Lisboa é muito mais, ou seja, no Sul é muito mais os grupos de indivíduos de raça negra, também eles muito mais, naqueles bairros sociais que há lá, bairros essencialmente de indivíduos de raça, etnia, negra. Pá, depois temos os bairros de etnia cigana, não é? Esses ahm, quer dizer esses também juntam-se, só trabalham entre eles, não metem mais</p>

		<p>ninguém no meio deles, dificilmente metem alguém, têm que ter muita confiança para meter alguém no meio onde trabalham, só mesmo eles."PSP18</p> <p>" (referente a Lisboa) Se nós formos a ver bem uma parte dos miúdos que estão envolvidos neste tipo de prática, a maior parte deles ou são estrangeiros mesmo ou então são filhos de angolanos, africanos, ucranianos, quer dizer, ciganos... Lá vamos todos aos estereótipos, não é? Mas, ahm, de pais não nascidos cá que trazem uma cultura diferente, não é? Ahm, portanto desse ponto de vista acho que, acho que somos diferentes, acho que somos diferentes, sinceramente acho que somos."PJ4</p> <p>"... hoje em dia as etnias não têm assim grande importância, tem a ver sim é com a localização deles, podem ter ciganos, pretos e... os chamados... chamado branco, o chamado branco é o caucasiano, mas eles também são caucasianos, a maior parte deles, que se juntam, vivem naquela sociedade, vivem juntos uns aos outros, juntam-se e formam o gangues."GNR3</p> <p>"quando falo de bairros sociais, e bairros degradados, não falo muito em etnias... porque, geralmente, no Porto, são pessoas de raça branca, não há tanta gente de raça negra, Lisboa e Sul do Tejo mais pessoas de raça negra, porque quando as pessoas que vieram do ultramar num é? Os pais concentram em bairros, e eles nasceram nesses bairros."GNR1</p>
	6.3.2. Não vejo ciganos com gangues	<p>" sinceramente não vejo os ciganos como... como... como... um bando, não é bando... gangues porque acho que é mais a própria cultura deles que quando está vocacionada para a violência juntam-se, junta-se só para fazerem o que tiverem a fazer... mas acho que não se pode falar de..."GNR1</p>
	6.3.3. Há gangues diferentes com etnias distintas	<p>"no caso dos indivíduos de etnia cigana, os indivíduos de etnia cigana, a comunidade cigana, ahm, ou quando têm problemas, principalmente com o resto da sociedade, eles criam os grupos, criam grupos para que possam ajustar, acho, ajustar contas com os problemas, com os problemas que eles têm" PSP18</p>
6.4. Condição social	6.4.1. Classe social desfavorecida	<p>"aquela ideia de que são todos muito pobres, não corresponde 100% ao padrão" PJ25</p> <p>"esse acompanhamento está muitas das vezes associado ao facto de os pais não terem recursos... esse recurso passo por trabalharem muitas horas, porque ganham muito pouco e têm profissões muito precárias" PJ25</p> <p>", é que eles são mais característicos das populações desfavorecidas, associados à, à, a fracas condições económicas" PSP10</p> <p>"mas considero que, a desintegração social, o facto de eles não estarem completamente integrados com as, lá está, com as normas internas da própria sociedade, depois é aí que isso cria um grande problema, porque lá está, esta faixa etária, onde eles estão situados, do problema, faz parte da nossa adolescência, nós somos, digamos, os reis do mundo, senhores de nós próprios, pensamos que já sabemos tudo, temos ideias muito, muito vincadas e, e pensamos que, que nós é que estamos bem, e os outros é que estão mal. Consegue-se essa desfiliação própria, social, consegue-se desintegrar, se calhar, prontos, é o principal fator" PSP10</p>

		<p>“Gangues sobretudo associados a jovens residentes e bairros sociais”PJ4</p> <p>" Eu acho que é fundamentalmente nesses locais (bairros sociais, zonas desfavorecidas) "GNR1</p>
	6.4.2. Excluídos/ alienados/ abandonados	<p>“Quer-se dizer, o eles serem afastados, normalmente são os excluídos, não é? Quer-se dizer, são aqueles que têm uma família disfuncional”PJ4</p>
	6.4.3. Sem vínculo afetivo	<p>“onde há mais aglomerado de pessoas e mais isolamento social do ponto de vista afetivo e tudo mais”PJ25</p> <p>“obviamente estamos a falar de jovens com pouca supervisão familiar, com pouco acompanhamento”PJ25</p> <p>“mas são motivações egoístas, ideonistas, que estão na origem disso, é um bocado por isso”PSP10</p>
	6.4.4. Residentes em bairros sociais problemáticos	<p>“Quando eu vivo, num bairro socialmente desfavorecido, em que a minha experiencia é sempre negativa a ver o que acontece aos outros”PJ25</p> <p>" num bairro social há pessoas de bem, há pessoas que tentam levar uma vida correta, de acordo com as normal sociais com grande esforço e trabalho mas têm muita dificuldade quando têm no prédio onde vivem elementos que deitam portas a baixo, que partem vidros de forma gratuita, que furam pneus... É muito difícil uma pessoa ser resistente a isto e não desenvolver aquilo, um, uma vontade de vingança, ou uma vontade... Aqui não se faz justiça então vou eu fazer justiça, não é?"PJ4</p>
	6.4.5. Jovens socialmente integrados, também se juntam a gangues	<p>“Agora eu conheço casos de jovens perfeitamente integrados que acabaram por se juntar a grupos, efetivamente, que prevaricam, não é? Portanto, é assim, talvez seja a regra mas acho que há exceções não é? Portanto, é um bocado por aí...”PJ4</p>
	6.4.6. Não há especificidade neste contexto	<p>"eu não punha nem, consegui identificar o, os gangues como oriundos de bairros sociais, pá, eu acho que eles são oriundos de todo o lado, não é uma características predominante, de eles serem oriundos, de um bairro social... eu não acho que eles sejam, que sejam emergentes principalmente de bairros sociais, Epá, eles emergem de vários locais, de vários locais mesmo, o bairro social não é como uma referencia a, uma característica predominante, do, do gangue, não é, não é. É símbolo de uma área geográfica, uma área geográfica de determinado local, mas, ahm, mas não é, não é, acima de tudo."PSP18</p>

<p>6.5. Caraterísticas familiares</p>	<p>6.5.1. São proveniente de famílias desestruturadas/ problemáticas</p>	<p>" é gangue é acima de tudo é isso, são indivíduos sem qualquer, não têm objetivos, não têm objetivos na vida, só, os objetivos deles é o dia-a-dia, é o dia-a-dia, não há mais objetivos, não têm objetivos futuros, não têm nada. Também já não têm a própria família, não têm bases nenhuma, não têm bases nenhuma, são indivíduos de famílias muito problemáticas, ou, que existe muito, muitos problemas relacionados com o álcool, problemas de violência doméstica, são indivíduos que já estão expostos, desde pequeninos, a violência neles, e a falta de regras, e depois epá, começam a, começam a crescer, começam a ver, juntam-se, juntam-se aos outros, querem, querem ter, querem, querem ter aquele nível de vida que os outros têm, e dai partem para, para o mundo do crime, para a ilicitude"PSP18</p> <p>" ambientes familiares, problemáticos"PSP18</p> <p>"não vai porque eles não aceitam, não aceitam, não aceitam, acho que é a própria sociedade que não está preparada para aceitar isso, acho que já vem de casa que não, que não estão preparados para ouvir isso"PSP18</p> <p>"... mas começa na família, começa, começa... Eu já ouvi várias vezes isto... um pai dizer-me ó pá tem aqui o seu filho, ah eu não tenho mão nele. Você não tem mal numa criança de oito ou nove anos? Outros não é não tem mão, é isso é mais fácil, deixá-los andar. É mais fácil deixar, e se calhar e depois mais tarde é-lhes mais fácil porque já não estão em casa, já não têm que o sustentar porquê? A prisão cuida deles, a prisão cuida deles, vai-lhes dando comida, vai-lhes dando, vai-lhes dando os cuidados básicos de saúde, vai-lhes dando aquilo que eles enquanto pais não deram e é muito mais simples ali"PSP18</p> <p>"Quer-se dizer, o eles serem afastados, normalmente são os excluídos, não é? Quer-se dizer, são aqueles que têm uma família disfuncional"PJ4</p> <p>" jovens provenientes de famílias disfuncionais que, subsídio-dependentes"PJ4</p> <p>" Muitas das vezes as famílias destruturadas não têm a ver só com a condução social ou económica, tem a ver com a própria estrutura da família dentro, que à pais que não tão preparados para ser pais, à pais que só são pais biologicamente, a nível paterno ou paterno não... a nível educacional não têm responsabilidade nenhuma, os filhos fazem as maiores barbaridades e para eles é normal, para ele lhes chamar a atenção, um filho que faça uma asneira é pior do que lhes dar uma facada, simplesmente eles são contra isso, os filhos são uns santos, e devido à sua protecção, que querem dar aos filhos, nunca lhes chamam à atenção, muitas das vezes, e os filhos sabendo o que estão a fazer, sabendo como dar a volta aos pais, porque os pais muitas das vezes não estão minimamente interessados, intimamente interessados, e os filhos continuam a andar, com quem não deveriam andar, continuam a fazer pior ainda, e na primeira vez que os pais lhes chamarem a atenção, já têm eles 17 ou 18 anos, e começam a pensar assim: "oh alto, o meu cota", porque eles pensam mesmo assim, "o meu cota nunca me disse nada agora, e agora está-me a lizar a cabeça, então se ele não quer que eu faça isso, eu vou fazer pior ainda"GNR3 (também pertence a debaixo)</p> <p>" acho que já nascem em famílias problemáticas "GNR1</p>
--	---	--

	<p>6.5.2. Entregues a eles próprios, falta de acompanhamento familiar</p>	<p>“é a fraca supervisão, essa é de facto uma variável que está estudada, na sociedade de delinquência juvenil e nós também verificamos isso, nós tínhamos miúdos desde que as mães eram enfermeiras, e trabalhavam no hospital e por tanto tinha algum recurso, até miúdos que de facto os pais trabalhavam nas obras, mas também eram trabalhadores corretos, ahm, até miúdos que não tinham suporte nenhum, por tanto”PJ25 “</p> <p>“o facto de os jovens não ter supervisão, pode ser de facto explicativo desse tipo de situações”PJ25</p> <p>" muitos deles ultimamente não tão alienados às famílias, pertencem às famílias, não tiveram foi a educação e os valores inculcados pelas próprias famílias. E as famílias ou por desinteresse da educação, ou simplesmente porque a sociedade é, exige e eles têm de trabalhar para pagar as contas e não têm dado atenção e suficiente aos filhos, e deixam os filhos ao "Deus dará"”GNR3</p> <p>" Quando se nasce... se calhar já tens uma imagem do sítio onde vives, das pessoas com quem vives, não digo sempre que um filho vai ser igual ao pais, mas geralmente, se o teu pai não é uma pessoa correta tu, por mais que querias ser, não vais conseguir ser."GNR1</p>
	<p>6.5.3. Sem possibilidades monetárias</p>	<p>"para conseguirem esses fins, uma vez que a família não têm, não têm meios de, ahm, de pagar, de patrocinar isso, eles partem, partem para esses fins, partem para ilicitude, para a criminalidade, ai conseguem, ai conseguem sim, adquirirem tudo o que querem, tudo que querem conseguem adquirir, através disso"”PSP18</p>

<p>6.6. Caraterísticas da formação pessoal/ educação</p>	<p>6.6.1. Relação conflituosa com escola, abandono/ desinteresse/ insucesso escolar</p>	<p>“e eu não consigo inserir depois na escola, e tenho dificuldades de aprendizagem, não tenho motivação para estudar, não tenho um contexto que me incentive e me faça o controlo”PJ25</p> <p>“Epá, eu aqui, leva-me para um episodio em que, realmente começa com aqueles problemas de escola, aqueles problemas de escola quando eles ainda estudam, quando são obrigados a estudar, começam os problemas de escola que toca a trazer os amigos que dai para a frente, começa-se a ganhar confiança naqueles amigos, começa-se a saber que, Epá, eu neste momento confio, porque eu tive problemas na escola, chamei-os e eles vieram comigo, ajudaram-me...”PSP18</p> <p>" escolaridade nula, não é?, não têm escolaridade, normalmente não têm escolaridade, eles próprios desistem da escola muito cedo"PSP18</p> <p>"acima de tudo eu acho que o gangue são pessoas derivadas, de baixos estudos, baixos estudos, pronto, formação académica praticamente nula, praticamente nula, um desinteresse muito cedo pela escola, e ahm, e depois as políticas de que não se pode trabalhar, menos dos 16 anos, vieram ajudar muito nisso, ajudaram muito, não se pode trabalhar, estudar eu não estudo, porque não quero"PSP18</p> <p>", a escola desempenha um papel que normalmente poderá ser, ou o desinteresse pela escola, ou o insucesso escolar, poderá ser um facto impulsionador por enveredar, por, pelo, prontos por uma certa aliciação pelo, pela aliciação oh, ao, o, adesão, o adesão ao gangue"PSP10</p> <p>“, ou que não tem sucesso na escola... “PJ4</p> <p>“, que abandonaram a escola talvez até antes de cumprirem com a escolaridade obrigatória ahm, tendencialmente isto”PJ4</p> <p>", não querem se quer estudar na escola, porque sentem que não precisam de o fazer,"PJ4</p> <p>" porque infelizmente os nossos jovens não têm os tempos todos ocupados, ainda por cima hoje em dia com a... a chamada... com o... como é que eu dei de explicar, como... com o todos os jovens terem de ter, de serem obrigado a ter o 12 ano, de escolaridade obrigatória, o que é que faz? Faz com que, até aos 18 anos têm de andar na escola, tem de andar na escola, nem que falem às aulas, faltam as aulas não têm o 12 ano, saem de lá quando têm 18 anos, depois um individuo desses quando sai não sabe fazer nada, ou seja, um pai por mais boa educação que vá dar ao filho vai obrigado a trabalhar a partir dos 18 anos, a partir dos 18 anos ele já não quer trabalhar, durante esse tempo, durante esse tempo ou ele teve boas companhias e andou a estudar ou teve más companhias e faltou as aulas, faltava as aulas e andava com más companhias inserido depois, um puxa o outro e depois começam a formar esses gangues."GNR3</p> <p>"A maior parte desses gangues, a maior parte desses gangues, não são todos, a escolaridade é zero, alguns deles têm escolaridade mínima obrigatória, é porque, ou tiraram as novas oportunidades ou então porque estavam na idade maxima, e então os professores para não terem de os aturar lá, passaram-lhes só para eles terem escolaridade para irem embora, porque a maior parte nem o nome deles sabe escrever, é mesmo assim, a nível de cutura também não têm nenhum"GNR3</p>
---	--	---

		<p>"afastam-se da escola porque a escola é uma instituição que tem regras e eles como não gostam de regras, nem gostam de viver com as regras da sociedade, logicamente que a escola não é um local onde se sintam bem. "GNR1</p> <p>" É assim, a relação com a escola, desde o início, que é uma relação de conflito. Porque quem está habituado a viver na rua e a ter as suas regras e os seus amigos, em grande percentagem não vai conseguir entrar para uma escola, não digo que não haja exceções, mas em grande percentagem não vão conseguir. "GNR1</p>
	6.6.2. Falta de educação	<p>" já não há respeito nenhum por nada nem por ninguém, num é?"PJ4</p> <p>" Ou vai sentir necessidade de estudar, de se formar, é assim,"PJ4</p>
	6.6.3. Falta de valores morais	<p>" pensamento que não vale a pena"PJ25</p> <p>"eu não preciso trabalhar mesmo para ganhar tanto como o meu pai, que trabalha nas obras, eu faço isso num dia, ahm, estudar não vale apenas porque eu nunca vou conseguir sair da cepa torta o mais que possa acontecer é eu ir trabalhar para a caixa do super mercado..."PJ25</p> <p>"pá na escola, a escola, a escola, a escola não tem mesmo mão nessa gente, não tem mesmo mão nessa gente, tal esses professores, hoje em dia têm uma posição, uma posição muito delicada, muito delicada mesmo, coitados"PSP18</p> <p>"eles próprios não aceitam nada, não aceitam nada são pessoas terminais, aquelas são as leis deles, as ideias deles, e o que impera é aquilo, nada do que bem de fora é aceite, por muito que se tente, por muito que se tente não vai ser aceite, eles são capazes de..."PSP18</p> <p>" digamos, a fraca, fraco, fraca formação moral, educacional, cultural, social, são muito, digamos, eles são muito pertencentes dessas zonas, é a forma que eu poderei definir, melhor o gangue. "PSP10</p> <p>"não têm tido, a nível de perspectiva de educação, não têm tido aquela educação tradicional que lhe incutem valores, durante a educação, quando eram jovens, não tiveram valores que lhes eram incutidos, o que faz que, quando chegam a uma certa altura, e... comecem a agir com companhias, as próprias companhias deles fazem com que se juntem... ah... que forem esses gangues"GNR3</p>
	6.6.4. Falta de regras	<p>" E aí está, é aquilo que eu digo, Epá, eles desde o início, desde a nascença que, que não tem família, que não tem família, eu a mim custa-me imenso, ouvir uma mãe que não tem mão num filho de 8 anos, a mim custa-me imenso dizer, porque é assim, é mais fácil deixar fazer aquilo que ele quer, do que ter mão nele e incutir-lhe regras., a escola não, ainda tenta, ainda tenta, educá-los, tenta levá-los para, pelo bom caminho mas não, acredito que também não esteja a conseguir, porque cada vez saem mais, aliás, eu acho que se devia fazer uma escola de gangues, porque cada vez sai mais, essa tinha sucesso. "PSP18</p> <p>" Do que ir ganhar e sujeitar-se a regras da sociedade, que eles são mesmo, acima de tudo, anti regras, não é? Eles não querem regras, não cumprem regras, as regras são as deles, são feitas por eles"PSP18</p>

		<p>" , eles tem que se ser mesmo anti sociedade, e tudo o que a sociedade defende, eles têm que ser anti isso tudo" PSP18</p> <p>"Um conjunto de regras... ahm... Eu acho que será mais um conjunto de não regras mas... isso será uma definição mais juridica" PJ4</p> <p>"portanto eu sou contra as regras porque não me dou bem com as regras ou porque não estou habituado ou porque elas sempre me foram impostas de uma forma que, à qual eu não me consegui adaptar, portanto eu vou para um grupo onde as regras sou eu que as faço, não é? São as minhas regras por assim dizer, não é? E todos os que la estão, no fundo partilham esta ideologia, acho que é um bocadinho por aí." PJ4</p>
6.7. Caraterísticas pessoais	6.7.1. Quanto à sua personalidade	<p>"Agora em termos de personalidade acho que podem ter personalidades muito diferentes até porque na minha perspetiva, num é? Quer dizer, é preciso que o grupo funcione em todas as valências, ou seja, é preciso quem mande, é preciso quem obedeça, num é? É preciso elementos fortes fisicamente, é preciso elementos fortes tecnicamente, ahm, que tenham determinadas valências, num é? Um que saiba onde pode arranjar armas, um que saiba arranjar um carro, ou um que saiba assaltar um carro, um que saiba dar ordens, ponto final, que também não é fácil, num é? Portanto acho que vamos encontrar aí personalidades muito muito diferentes, muito heterogéneas desse ponto de vista, num é? E vamos ter personalidades muito fortes, verdadeiros líderes, como vamos ter aqueles que são os submissos que se calhar até entraram para o grupo porque efetivamente não tinham outra perspetiva ou foram de alguma forma quase que coagidos a entrar, não é? Portanto, enfim, acredito que esse tipo de situações também, também surja não é? Acho que é um bocadinho por aí." PJ4</p> <p>" Por isso acho que, elas são, são, são fortes em termos de personalidade, mais fortes, às tantas do que o resto dos elementos do grupo e é por aí que se distinguem... Na minha perspetiva, daquilo que eu..." PJ4</p> <p>", felizmente devido à pouca cultura e devido à pouca inteligencia que demonstram ter, acabasse por se... por se identificar esses, porque, porque eles cabam por meter videos bonitos no youtube, onde estão indentificado, felizmente, embora não sirvam como meio de prova, prova para nada, mas serve, nós como o... autoridades, a... perceber-mos quem são, e tar mais atentos aquele grupo de jovens que estão identificados." GNR3</p>
	6.7.2. Quanto ao consumo de substâncias	<p>"como os consumos" PJ25</p> <p>"eles diziam sempre, é as ganzas e as miúdas" PJ25</p>

	6.7.3. Não querem trabalhar/ Estão desempregados	<p>"O facto de estarem desempregados, não ter qualquer tipo de motivação que lhes seja atractiva, ahm, pode ser que, é impulsiona isso"PSP10</p> <p>" Quer dizer, os miudos, neste momento já não querem trabalhar, porque já não percebiam de trabalhar "PJ4</p> <p>" as pessoas desocupadas em casa, a receberem vencimentos que lhes permitem fazer uma vida perfeitamente normal, mas porque é que aquele individuo vais sentir necessidade de ir arranjar um emprego?"PJ4</p> <p>"... trabalho... não querem trabalhar, não demonstram interesse nenhum por trabalhar, não demonstram interesse nenhum por arranjar emprego, não demonstram interesse nenhum e... muita das vezes quando vão procurar um primeiro emprego, vão para lá para procurar um primeiro emprego e depois já querem receber três vezes mais o salário mínimo, ou duas vezes mais o salário mínimo, obviamente ninguem os vais empregar sem experiencia nenhuma, por isso, e já... e também tão pouco burrifando para trabalhar ou não."GNR3</p>
--	---	--

	<p>6.7.4. Com certas competências/ atributos pessoais</p>	<p>“é engraçado que os miúdos não tinham a ideia de que certo tipo de comportamentos, são comportamentos intrusivos para com o outro”PJ25</p> <p>“nunca pensaram nisso, não faz parte do seu processo de educação, estão habituados de que tudo se resolve com uma chapada, um empurrão e um encontram.”PJ25</p> <p>”, eles têm, uma maneira de, de ser, de agir, de pensar, digamos de conviver, muito próprio, os resultados normativos e ideológicos, deles são muito, são muito, digamos, a identidade, a, ou as características de um ser, seja o líder ou não, são muito semelhantes entre si, digamos que essa será a característica mais, desde a maneira de vestir, a maneira de agir, a maneira de pensar, de julgar os valores ideais, é a característica mais marcante de um gangue. Há muita identidade, há muita, quase que não se distingue, sujeito A de sujeito B, mas é assim um conjunto, que parece que não tem, não há ramificações, é um conjunto de pessoas a pensar de forma de um todo. Que tem que ser essa característica mais explicativa de um gangue.”PSP10</p> <p>" São muito donas do seu nariz, sabem usar os seus atributos de rapariga para, para dominar. Ahm e fazem-no com, com como é que se diz, com punho de aço, num é? Ahm, acho que é aquilo que eu disse, acho que são os elementos básicos, não precisam de ser fisicamente particularmente robustas porque o são pela forma como falam, pela atitude que têm e pelo facto de... É assim, eu não sei como é que elas entram, não é?"PJ4</p>
	<p>6.7.5. Baixa autoestima e resistência à frustração, impulsividade</p>	<p>“Impulsivos, muito impulsivos, baixa autocontrolo, tendência obviamente depois para os consumos, pouca resistência à frustração, e por tanto, dificuldade de aprendizagem.”PJ25</p> <p>”depois nós temos aqueles jovens que têm mesmo características que são facilitadoras disso, ser impulsivo, baixo controlo emocional, fraca resistência à à frustração, ahm, estes são os que se perpetuam, depois têm carreiras criminais, são aqueles miúdos que de facto é muito difícil, vocês, eles aparece na policia, um ano, dois, três, depois começa a entrar, depois vais para as outras secções, um bocadinho mais violenta”PJ25</p>
	<p>6.7.6. Interessam-se por música e atividades alusivas à violência</p>	<p>" então Epá, tenho que ter dinheiro, tenho que ter um telemóvel, tenho que ter roupa, tenho que ter sapatilhas, tenho que ter casacos, ahm, roupa de desporto, tenho que ter uma das indumentárias preferidas dos gangues é, é roupa desportiva, é com o que eles se identificam bastante, mesmo com, é com roupa desportiva, depois temos os associados ao futebol que são capazes de andar um mês inteiro com a mesma camisola do, do clube, neste caso, do Porto, mas pronto, e é isto, como ponto de referência eles serem, oriundo de um bairro social, ou não, não sei..."PSP18</p> <p>“as musicas normalmente são, são alusivas a, a series de situações de violência, assaltos e tudo, eu tenho visto inúmeras musicas de, particularmente de hip-hop português, que eles gostam muito de ouvir, normalmente eles andam sempre com estas musicas no, nos telemóveis, e são, e são tudo musicas alusivas a isso, à violência, a estes grupos, e cria-se ai estes gangues”PSP18</p>

Categoria 7 - Atividades delinquentes dos gangues juvenis

Subcategoria	Unidade de Registo
<p>7.1. Objetivo das atividades delinquentes</p>	<p>7.1.1. Obter bens materiais/ dinheiro (Líder)“dividia os ganhos pelos membros do grupo e fazia a gestão”PJ25 "Acima de tudo, telemóveis, telemóvel tá no topo, mesmo, telemóvel tá no topo de, do, do bem quer furtado, quer roubado, pelos gangues, no topo mesmo, telemóveis topo de gama, depois furtam tudo, desde roupa, roupa... olha para as sapatilhas daquele, olha dá-me as sapatilhas senão tu, roubam tudo, mas o telemóvel, tá, tá no top, tá no top mesmo, é aquilo que eles, que eles mais, mais furtam e roubam, é aqueles, telemóveis e dinheiro, dinheiro"PSP18 "Porque vão comprar a Nike (?) que sempre quiseram, os blusões da Nike que sempre quiseram, o telemóvel topo de gama... meter os dentes que lhe falto na boca isso não é característica deles. Alias uma das características deles é os desdentados... "PSP18 ", e outra vezes é para ver se conseguem fundos, fundos monetários com furtos, com outro tipo de situações"GNR3</p> <p>7.1.2. Consumo de substâncias ilícitas "como se costuma dizer, podem fumar umas brocas"</p> <p>7.1.3. Por diversão/ prazer " desde humilhar"PSP18 ", se os tirassem daquilo que eles mais dão valor, que é a ida ao café que tem os amigos, o sentar com os amigos, ou pegar na namorada, roubar um carro e fazer um bebé no banco de trás"PSP18 " que tem por objetivo a pratica de ilícitos por prazer, a maior parte das vez é pelo prazer de praticas desse ilícitos"GNR3 " a maior parte dos jovens que se junta num café para conviver, ou alguns para estudarem ou quê, eles juntam-se simplesmente com o intuito de provocar distúrbios para seu pessoal prazer."GNR3 "Pelo prazer de fazer asneiras porque lhes apetece... mas simplesmente pelo prazer de fazer "GNR3</p>
<p>7.2. Tipo de atividades delinquentes</p>	<p>7.2.1 . Agressão, violência, agressão sexual "os gangues têm sempre associada a eles, a violência, isso têm, têm, têm, associado à violência, porque Epá, é um forma de conseguirem o objetivo deles, é através da violência, é eu chegar ao pé e passa-me para cá o telemóvel, assim não dá, se eu lhe der um murro, ele dá logo, eles é a mesma coisa, é a mesma coisa, daí a violência estar associada a eles, esta associada a eles, porque eles necessitam dela mesmo para, para conseguir, conseguir, conseguir levar os objetivos para a frente, consegue, necessitam mesmo de recorrer à violência"PSP18 "e alguns crimes também relacionados contra a autodeterminação sexual a alguns crimes, contra as pessoas "PSP10 "a rapariga às tantas interessa-lhe mais submeter alguém a uma agressão física ou a um vexame</p>

		<p>físico, uma humilhação pública pelas razões mais diversas, é assim porque usou uma camisola igual a uma que ela queria ou tem e simples coisas, pela razões mais fúteis acho que, que vão mais por aí, agora é assim... Mais físicas, mais agressão, pelo menos no sentido de, de indicar o que é que gostariam que fosse feito, mais por aí.”PJ4</p>
	<p>7.2.2. Assaltos, roubos, furtos e extorsão</p>	<p>“nós associamos muito gangue a roubos, a assalto e mais não sei quê, e de facto é quando nós olhamos para eles”PJ25</p> <p>“Transportam, sim assaltam as lojas de roupas, os, os, os eletrodomésticos, isso foi o que nós mais observamos, esses tipos de espaços. Depois vendem aquilo, na altura não tanto ourivesarias, agora falasse muito das ourivesarias”PJ25</p> <p>“Epá, tipo fazer um assalto, aparecer a polícia e eles conseguirem fugir, isso é o maior trofeu deles, o maior trofeu. Não é? Atividades delinquentes, grupo juvenil dedicados a ilicitude”PSP18</p> <p>“ que era um grupo era um gangue, que só fazia furto a interior de residências”PSP18</p> <p>“assalto a estabelecimentos, o objetivo deles era, era as máquinas espessadoras de tabaco, uma maquina espessadora de tabaco tem 5000 euros, em trabalho, ou 5000 euros em dinheiro, por tanto é sempre garantido o assalto, vai ser sempre garantido”PSP18</p> <p>"gangues direcionados só para o furto de veiculo, só fazem mesmo furto de veiculo, não fazem mais nada, só roubar carros, o alvo deles é só mesmo o carro, não fazem mais nada, nem que lhes apareça outro tipo para fazer, eles não fazem, porque tão direcionar para aquilo, aquilo é tipo especializados, especializaram-se naquilo, mas é isso mesmo" PSP18</p> <p>" Atividades delinquentes, o furto, o roubo, o furto e o roubo acima de tudo, acima de tudo, acima de tudo o furto e o roubo, é, o resto, é o furto e o roubo são a atividade principal deles é o furto e o roubo, esclarecemos que o furto é eu chegar a fazer, e tirar isto, tirar esta caneta, é todo eu furtar a caneta, se lhe a tirar a coagir, ou lhe bater ou que, já é um roubo, eu já pratiquei um roubo, e é acima de tudo, são os crimes praticados por eles. É o furto e o roubo, porque engloba logo, logo..."PSP18</p> <p>", é assim o furto, eu não acho que a gente possa considerar que, que temos principalmente aqui no porto, realidade que eu conheço aqui no norte, gangues, é assim, eu também não conheço, nunca trabalhei a nível de, droga trabalhei no antigo casal ventoso, aqui no Porto, sempre trabalhei mais o furto e o roubo, e não estou bem dentro, da existência de gangues, direcionados só para, só para, o narcotráfico, e também, estar a falar, a falar disso, sem ter conhecimento, por tanto, causa absoluta, também acho melhor nem se dizer, ahm, estou, Epá, estou dentro, o furto e do roubo, isso estou, isso estou, quanto ao ultimo, é obvio que há, que há, que há, que temos gangues que se dedicam só a isso, mas pá, aí a chamar-lhes gangue por isso, não, não, não estou a ver"PSP18</p> <p>" se rouba alguém, se rouba alguém é capaz de lhes dar uns murros, partir uns deles por causa de um telemóvel"PSP18</p> <p>" Muito já começa, nós temos ai noites de um bando a saltar sete cafés assim seguidos... pá</p>

		<p>porque o café é dinheiro, tem dinheiro, tem a máquina dos brindes e tem a máquina do tabaco. É dinheiro, muito dinheiro."PSP18</p> <p>"mas há alguns que se viram mais prontos, para crimes relacionados com, com as residências, podem-se relacionar mais para o furto, outros até mais para a violência contra pessoas, estamos aqui a falar por exemplo os roubos, por exemplo, a zona da ribeira era uma zona caracterizada os roubos a pessoas, a pessoas que andam na ribeira e são vítimas, pah, de roubos de telemóveis, peças em ouro, e lá está, existem gangues que, têm características diferentes, em função das atividades que praticam não é?"PSP10</p> <p>"pá, neste momento poderei dizer, que neste momento em termos de realidade criminal, será o furto, de viaturas de alta cilindrada, conforme já foi, à dois anos atrás, a questão dos assaltos a residências, os assaltos a estabelecimentos comerciais"PSP10</p> <p>"atenção o roubos a pessoas, os roubos a pessoas também são, ahm, que infelizmente são, é o mundo onde há de tudo, é muito importante."PSP10</p> <p>"Os assaltos a viaturas, aos estabelecimentos comerciais,"PSP10</p> <p>"até efetivamente, uma coisa mais estruturada como o furto de viaturas, o roubo de carro, ahm, o assalto a residências"PJ4</p> <p>"às tantas os rapazes interessa-lhes mais roubar um carro para dar umas voltas com o carro"PJ4</p> <p>"para dinheiro é preciso fazer assaltos, para assaltos é preciso violência muitas das vezes, quando são roubos, porque há uma diferença entre roubo e furtos, furtos é uma coisa sem violência, roubo é com violência, ou seja muita das vezes, acho que tudo se interliga"GNR3</p> <p>"furtos "GNR3</p> <p>"extorsões "GNR1</p>
	<p>7.2.3. Consumo de substâncias/ álcool</p>	<p>"conflitos com drogas, muitos problemas com drogas, não as chamadas drogas duras, mas as drogas leves, o Haxixe, o Haxixe principalmente, é o problemas, é o grande, é o grande, é o grande tipo de droga que é consumido, por eles"PSP18</p> <p>"álcool... álcool... e andar por ai sem fazer nada, praticamente... Consumo de substâncias "GNR3</p>
	<p>7.2.4. Contrafação de bens, música, roupa, etc</p>	<p>"Se calhar a contrafação, a contrafação é muito utilizada por gangues, porque é uma forma de ganhar muito dinheiro, prejudica se calhar a economia do país também. Quando falo em contrafação, roupas, livros... livros nem tanto, mas roupas e música, e prejudica um bocado a economia de um país... Às vezes o que nos parece em pequena escala não, é a escala organizada..."GNR1</p>
	<p>7.2.5. Provocar distúrbios, perturbar, destruir e vandalizar (crimes contra o património incluído)</p>	<p>"mas quando nós vimos uma cena de crime que envolve partir tudo, etc."PJ25</p> <p>"há gangues que, que se especializam em determinadas, por exemplo, o cometimento de crimes contra o património... quando eu falo dos crimes contra o património, é evidente que isto abrange uma série de crimes muito alargada"PSP10</p> <p>"também poderá ser o próprio execução de atos de vandalismo, ou por destruição dos</p>

		<p>equipamentos sociais, pode ser motivado" PSP10</p> <p>"por exemplo os Lapa Boys, as paredes exteriores ao bairro, tem lá uma serie de grafitis, com sinais identificativos de, digamos assim, de assinatura deles, este território é nosso, isto são meros atos de vandalismo, não é? Mas não têm, lá está, mas há, é uma atividade que poderá ser preferida, em vez da execução de por exemplo de preferência pela autoridade, não é?" PSP10</p> <p>"nos crimes contra o património" PSP10</p> <p>"Agora, nós associamos a palavra gangue normalmente à prática de, pelo menos de distúrbios, não quer dizer que sejam práticas criminais, mas pelo menos de distúrbios e de incómodo para com a ordem pública e as outras pessoas, sobretudo isso" PJ4</p> <p>"Às vezes, hum, lá está, são meros distúrbios que não chegam à violência efetiva, mas que às tantas causa mais perturbação e incomodo na comunidade do que a própria violência, porque a violência, enfim, traduz-se em atos específicos que podem ser... relativamente aos quais pode haver uma atuação mais eficaz. A perturbação não! Não é? É mais difícil controla-la e efetivamente, ahm, erradicá-la não é? Acho que é mais abrangente" PJ4</p> <p>"A perturbação gratuita daquilo que é a ordem pública, sobretudo, não é? É o deitar fogo ao caixote do lixo, acho que parte de situações tão simples quanto essas para a reunião em grupo de forma a perturbar aquilo que é o sossego das pessoas que residem nas proximidades," PJ4</p> <p>"Aqui acho que é mais a perturbação da ordem pública, pura e simples, do que propriamente a prática concertada de crimes, crimes graves, não é? Ahm, não se houve falar propriamente de linchamentos em bairros, isso não faz muito parte da nossa realidade. E acho que um gangue está muito associado a isso... Acho que é sobretudo a perturbação da ordem pública, acho que é mais esse tipo de atos... O chatear, o, o aborrecer porque me apetece aborrecer sem, sem motivo, sem, sem, sem propriamente uma fundamentação, não é? Olhaste para mim de lado, então já vais ver, num é?.." PJ4</p> <p>"Eu tenho direito, vou pra rua manifesto-me, deito fogo a uns contentores e pronto a situação fica mais ou menos contida por ali" PJ4</p> <p>" Eu acho que é claramente para mim a perturbação da ordem pública. O sossego, o descanso," PJ4</p> <p>" Isto é muito perturbador, o simples facto de ter um vizinho que constantemente faz barulho a altas horas, isto é muito perturbador! Eu acho que isto é do que tem mais impacto na vida normal das pessoas." PJ4</p> <p>" Os rapazes, outro tipo de atividades, é mais o incendio no contentor, é mais a chama de atenção gratuita que no final é mera perturbação gratuita " PJ4</p> <p>" destruição, destruição pura, simplesmente só para se divertirem, acontece muito... Pelo menos nos pequenos, nas zonas pequenas nos pequenos centros, em vilas e aldeias... as vezes fazem e destroem só por prazer... por estragar." GNR1</p>
--	--	--

	7.2.6. Tráfico de bebidas alcoólicas/ tabaco	"muitas das vezes juntam-se, consome álcool, consome drogas, que é o que se tem visto ultimamente..."GNR3 " tráfico de tabaco, álcool "GNR1
	7.2.7. Tráfico de Droga	"direcionados só para trafico de droga"PSP18 "o tráfico de droga já foi uma, uma, uma dessas atividades que, que, prontos, pelo que possibilitava, no imediato, já foi uma atividade muito muito, muito atrativa"PSP10 "ao tráfico de estupefacientes"PSP10 "eventualmente a venda de droga..."PJ4 "Tráfico, tráfico de droga, hum"GNR1
	7.2.8. Ligados à noite, discotecas	"há gangues direcionados para tomar conta do, de segurança da noite"PSP18 " Mais do que aquele ato isolado de um grupo que foi para a noite e deu dois tiros no segurança."PJ4

Categorias 8 - Problemas relacionados com os gangues juvenis

Subcategorias	Unidade de registo
8.1. Abusos físicos e psicológicos. Negligência pela família	"as atividades do, dos gangues na sociedade é em tudo, provocam o receio, o medo, na sociedade, provocam o, o, ainda por cima sendo, sendo no... Sendo noticiado, sendo mandado para o exterior, a atividade deles é óbvio que provoca um grande receio na sociedade, provoca medo, inquietação na sociedade, acima de tudo o medo e inquietação, e o receio, que provoca na sociedade em geral, em geral mesmo"PSP18
8.2. Fracas condições de vida em Portugal	"os gangues juvenis não é meramente um problema social, tem também muito haver com as características dos míudos"PJ25
8.3. Perturbação da comunidade e vandalismo	"e atenção que estes grupos, estes gangues quando estão aí no auge, no ativo, eles trabalham muito e muito bem, eles roubam muito, eles lesão muito a sociedade."PSP18 "o facto de criar ahm, prontos, adversidade na comunidade, não só adversidade entre outras coisas mais, não é? Eles perturbam mesmo o funcionamento da comunidade, não é só a questão da adversidade entre outras coisas mais, perturbam mesmo o funcionamento da comunidade, não é só a questão da adversidade"PSP10 ", cria adversidade na comunidade é muito ajustado"PJ4
8.4. Problemas com a Justiça	"Os principais problemas?... é... é a nossa legislação permitir que eles se... que eles existem... porque se a nossa legislação não fosse tão branda, se aplica-se, se se aplica-se a lei, para indivíduos de 14 anos, como se aplica para indivíduos com 18 anos, se a lei fosse mais... mais específica, mais dura, mais penalizadora, a... provavelmente quando se desfizesse o primeiro gangue com uns bons castigos, às tantas os outros podessem existir, pensassem duas vezes antes de actuarem."GNR3



Consentimento Informado

Interaction of different subjects Towards A Strategic Common Answer (Project ITACA – concerning juvenile gangs)

Eu, abaixo-assinado _____, fui informado acerca dos objectivos e da metodologia de recolha de dados da investigação acima mencionado.

Foi-me garantido que todos os dados relativos à identificação dos participantes neste estudo são confidenciais e que me posso recusar a participar ou interromper a qualquer momento a participação no estudo, sem nenhum tipo de penalização por este facto.

Compreendi a informação que me foi dada, tive oportunidade de colocar questões e as minhas dúvidas foram esclarecidas.

Aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado, sendo que também autorizo a divulgação dos resultados obtidos no meio científico, garantindo o anonimato.

Nome _____

Assinatura _____

Data [/ /].

Obrigada pela sua colaboração!

Raquel Matos

(Prof. Auxiliar; Faculdade de Educação e
Psicologia; Universidade Católica Portuguesa)